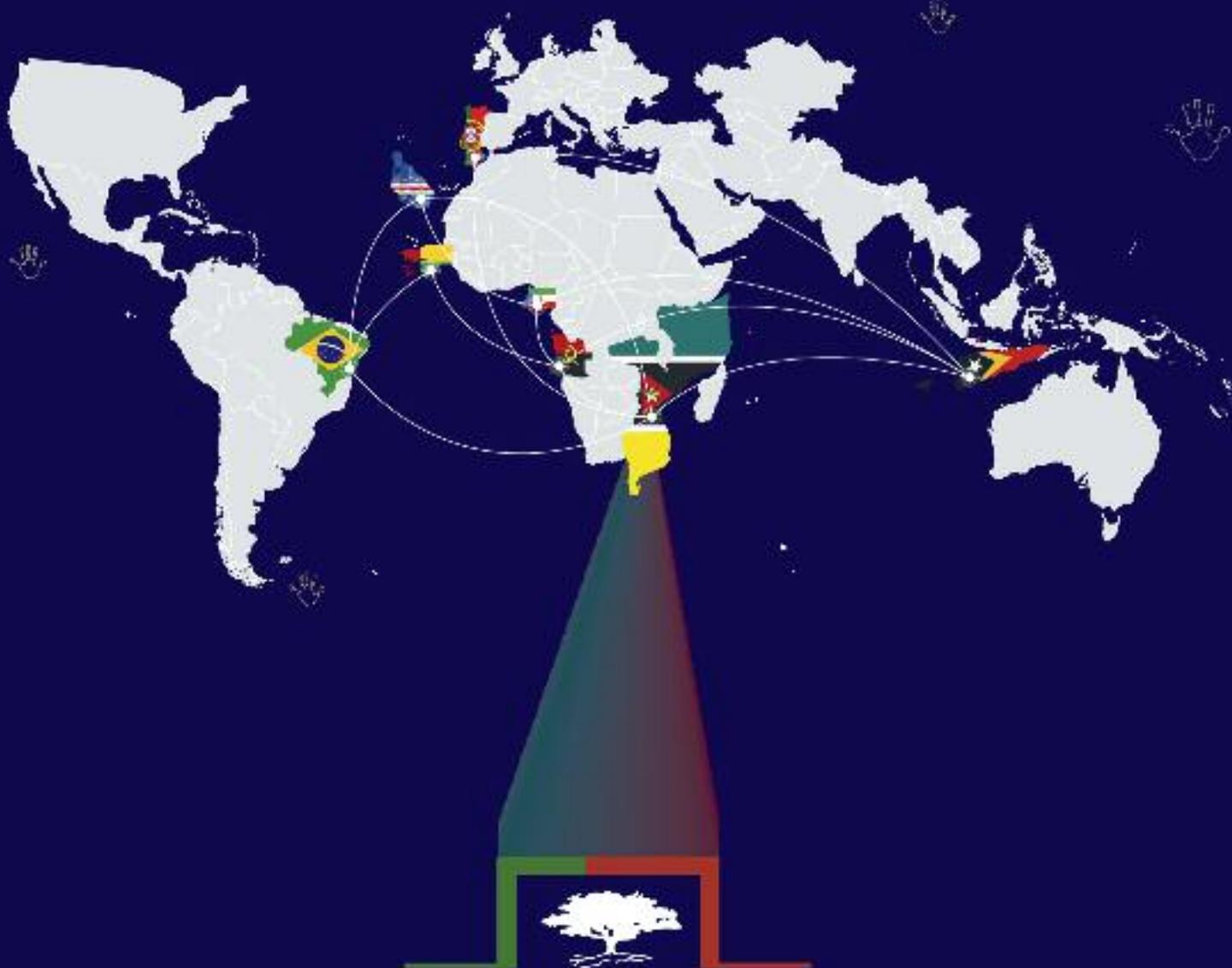


O PÁTIO

ANO XVI | N.º 112 | NOV-DEZ 2019 | ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

20º ANIVERSÁRIO DA EPM - CELP



ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

O MAR QUE NOS UNIU E A LÍNGUA QUE NOS UNE

MOMENTOS EPM



2- EDITORIAL

3 - INSTITUCIONAL | Em visita à EPM-CELP, presidente do “Camões”, Luís Faro Ramos, revelou prioridade desta instituição em satisfazer a procura expansiva pela língua portuguesa.

4 - 20.º ANIVERSÁRIO DA EPM-CELP | “Escola Aberta”, arte e cultura foram manifestações marcantes do primeiro momento de evocação dos 20 anos de existência da escola.

6 - DESTAQUE | Dia Mundial da Língua Portuguesa recentemente consagrado pela UNESCO para 5 de maio.

7 - CIDADANIA | Debate sobre o tema “Violência doméstica e no namoro” propiciou primeira sessão do Parlamento dos Jovens 2020. Alunos também preocupados com o cancro da mama.

10 - ATIVIDADES | Alunos do ensino secundário observaram desova de tartarugas na Ponta do Ouro. No primeiro ciclo, exposição de trabalhos enalteceu viagem de circum-navegação de Fernão Magalhães assim como o centenário do nascimento da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andersen.

11 - INOVAÇÃO | Demonstrações lúdicas executadas pelo investigador matemático Tiago Hirth desmistificaram “bichos de sete cabeças” da disciplina.

12 - COOPERAÇÃO | O projeto “Mabuko ya Hina” da EPM-CELP continua a apostar na literacia e formação da juventude através da colaboração com instituições e comunidades moçambicanas. Destaque para as intervenções na Gorongosa e Ilha de Moçambique.

16 - ENTREVISTA | O escritor, encenador, ator e docente moçambicano Rogério Manjate fala sobre o teatro como ferramenta educativa.

20 - EFEMÉRIDE | O lirismo poético em torno do mar inspirou iniciativas culturais e artísticas que assinalaram na EPM-CELP o centenário do nascimento da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner. Debate sobre o papel da filosofia atraiu a atenção de professores, pais e alunos do primeiro ciclo e do ensino secundário e assinalou o Dia Mundial da Filosofia com a participação do intelectual Severino Ngoenha.

24 - DESPORTO | Satisfação e superação são os denominadores comuns de competições desportivas multidisciplinares entusiasticamente participadas por alunos da EPM-CELP.

25 - ATIVIDADES | A exibição do filme “Coco” e a exposição sobre valores culturais do México marcaram as comemorações do Dia dos Mortos, incluindo uma homenagem à poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner.

26 - CIÊNCIA | Alunos do nono ano do ensino básico da EPM-CELP acolheram colegas da Escola Francesa para celebrar os 150 anos da tabela periódica enquanto estudantes do sétimo ano aventuraram-se na “caça aos asteroides” promovida pela NASA e pelo Centro de Colaboração Internacional em Pesquisa e Astronomia.

27 - PSICOLOGANDO | Entre a riqueza e o desconforto da adolescência, a psicóloga escolar Alexandra Melo revela os desafios de uma etapa de surpresas emocionais e físicas.

28 - CRONICENTO | O escritor Rogério Manjate oferece mais um conto inspirador.



4 | 20.º ANIVERSÁRIO DA EPM-CELP

Ao dobrar os 20 anos de existência, a EPM-CELP voltou a oferecer aos encarregados de educação oportunidades de, ao vivo, participarem nas atividades escolares diárias. Foi o dia da Escola Aberta. Este primeiro momento de celebração do aniversário também foi assinalado com o lançamento de mais uma publicação da coleção “Pensar a Educação”, uma peça de teatro e uma exposição de escultura e artes plásticas de Nino Trindade.



12 | “Mabuko Ya Hina” chegou à Ilha de Moçambique

O projeto “Mabuko ya Hina” da EPM-CELP continua a apostar na literacia e formação da juventude através da colaboração com instituições e comunidades moçambicanas. No radar da cooperação permanece o Parque Nacional da Gorongosa e, recentemente, entrou a Ilha de Moçambique.

20 | ENTREVISTA

O escritor, encenador, ator e docente moçambicano Rogério Manjate sublinha o valor do teatro como instrumento ao serviço da educação integral do indivíduo.

O mar que nos uniu e a língua que nos une

A língua é o canal por onde circulam as emoções, vivendo do uso que dela fazemos e alimentando-se da sua própria recriação nos espaços por onde circula.

No passado dia 4 de Dezembro, no âmbito da sua visita oficial a Moçambique, recebemos na nossa escola o presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, Luís Faro Ramos que, numa preleção dirigida a alunos e professores, lembrou o facto da Língua Portuguesa estar em franca ascensão no mundo, com 280 milhões de falantes nos 5 continentes, sendo língua oficial nos 9 estados da CPLP, a 4ª língua mais falada no mundo e a 5ª mais usada na internet. Prova desta importância crescente da nossa língua, foi a instituição, pela UNESCO, do dia 5 de Maio como Dia Mundial da Língua Portuguesa.

A EPM-CELP, sendo uma Escola Portuguesa no estrangeiro, faz parte de uma rede de escolas que existem em todos os países falantes de Língua Portuguesa, à exceção do Brasil onde se prevê que a Escola Portuguesa inicie as suas atividades em 2020. Enquanto Escola Portuguesa no estrangeiro, cabe-nos como missão, também, a valorização da língua portuguesa nas suas múltiplas vertentes. Veículo de comunicação, potenciadora de relações económicas, mas, também, raiz do pensamento e das aspirações individuais e dos povos. A língua é o canal por onde circulam as emoções, vivendo do uso que dela fazemos e alimentando-se da sua própria recriação nos espaços por onde circula.

E porque sabemos que a língua é um corpo vivo que, ao mesmo

tempo que se nutre de cada um de nós, nos torna realmente humanos, celebrámos uma das grandes vozes da Língua Portuguesa, nascida há cem anos atrás - Sophia de Mello Breyner - poetisa, escritora, prémio Camões, defensora dos valores de justiça e de igualdade, voz da denúncia da ditadura em Portugal

Alunos, professores e funcionários, durante algumas semanas sentiram a poesia de Sophia de Mello Breyner, degustaram-na e subiram ao palco para a declamar, cantar e representar. Cantaram as aspirações de liberdade dos povos, cantaram o prazer das palavras, a complexidade do amor e da vida, cantaram o mar, o mar tão presente na obra de Sophia.

O mar, elemento que permitiu a viagem de circum-navegação de Fernando Magalhães, unindo povos e mesclando culturas, esteve no centro de várias atividades do ensino básico, desde projetos de sala de aula, a atividades dramáticas e à projeção de filmes, sempre com a voz de Sophia como pano de fundo.

E porque foi o mar que nos uniu, é a língua que nos une ainda. Assim, reiterámos na comemoração dos 20 anos de existência da escola, a nossa vontade de fazer da Língua um elo de ligação entre as culturas portuguesa e moçambicana e da educação um fator de mudança e de transmissão dos valores universais. Os valores da nossa grande poetisa Sophia de Mello Breyner.

DIREÇÃO

O PÁTIO | Revista da EPM-CELP | Ano XVII - N.º 112 | Edição novembro/dezembro de 2019

Diretora Dina Trigo de Mira | **Editor Geral** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Reinaldo Luís | **Editores** Ana Albasini (Cooperação), Alexandra Melo (Psicologando) e Rogério Manjate (Croniconto) | **Editor Gráfico** Núcleo de Informação e Comunicação | **Colaboradores redatoriais nesta edição** João Paulo Videira, Odete Sol, Teresa Jerónimo, José Tomé, Patrícia Cascais, Inês Sarmento, Isabel Mota, Rogério Manjate, Karina Bastos, Ana Paula Gomes, Uriel Guerra, Francisco Carvalho, Sónia Pereira, Associação de Estudantes da EPM-CELP e Teresa Noronha | **Capa** Oficina Didática | **Grafismo e Pré-Impressão** Núcleo de Informação e Comunicação | **Apoio gráfico** Ilton Ngoca e Jafete Júnior | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Núcleo de Informação e Comunicação | **Impressão** Minerva Print | **Distribuição** Reinaldo Luís (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.ª do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: info@epmcelp.edu.mz

“Os desafios atuais do ‘Camões’ são satisfazer a procura cada vez maior”

No âmbito da sua visita oficial a Moçambique, o presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, Luís Faro Ramos, reuniu-se no dia 4 de dezembro, no Auditório Carlos Paredes, com alunos do ensino secundário, professores e Direção da EPM-CELP, bem como alguns membros da diplomacia portuguesa, para falar da importância das escolas portuguesas no estrangeiro na promoção e difusão da língua e cultura portuguesas no mundo.



Perante uma plateia atenta e, visivelmente, conhecedora da atualidade histórica portuguesa, Luís Faro Ramos começou por contextualizar a constante ascensão no mundo da língua portuguesa, destacando o facto de haver cerca de 280 milhões de falantes nos cinco continentes e o português ser a língua oficial em nove estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Com recurso a uma apresentação multimédia, o presidente do “Camões” perspetivou um sucesso exponencial da língua portuguesa dentro de 80 anos. Ou seja, “em 2100 serão quase 500 milhões de falantes”, previu Luís Faro Ramos, assumindo que, neste momento, “a língua portuguesa é falada por 3.7 por cento da população mundial. É igualmente a quarta língua mais falada do mundo e a quinta com mais utilizadores na internet”. O dirigente máximo da cooperação portuguesa referiu, ainda, que o “português começou por ser uma língua de geografia europeia, abarcando Espanha e Portugal. Com o tempo passou a ser também de geografia americana, por causa do Brasil. Hoje a perspetiva é que seja de geografia africana e asiática”, afirmou.

Na segunda parte da sua apresentação, Luís Faro Ramos falou da estrutura, missão e visão do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, afirmando que a

instituição está em 82 países do mundo. Tem ainda 20 centros culturais, 427 instituições, mais de 50 cátedras, 80 centros de língua portuguesa e três dezenas de serviços de coordenação do ensino no planeta.

A terceira e última parte da palestra foi cedida à plateia para expor dúvidas sobre a instituição e a língua portuguesa. Assim, o presidente do “Camões” foi questionado sobre as perspetivas de expansão da língua portuguesa no mundo a ponto de vir a ocupar a primeira posição ocupada atualmente pelo mandarim. Em resposta, Luís Faro Ramos revelou que os principais desafios atuais do “Camões” são satisfazer a procura, que se mostra cada vez maior.

“Temos, neste momento, 30 coordenações de ensino que ensinam a língua portuguesa. Mas a grande aposta é responder aos pedidos estrangeiros: formar professores locais para a rápida promoção da língua”, esclareceu.

Sobre a possibilidade de construção de mais escolas portuguesas no estrangeiro, Luís Faro Ramos explicou que já está a ser fechado o ciclo de construção de escolas do género, pois o que falta é a finalização da Escola Portuguesa do Brasil, que ocorrerá em 2020, fechando-se, assim, a etapa de edificação de escolas portuguesa no estrangeiro nos países falantes da língua portuguesa.





EPM - CELP
NOVEMBRO DE 2019

20 ANOS DE MEMÓRIAS

Ao vivo e a cores

Na abordagem ao seu 20.º aniversário, a EPM-CELP estendeu as celebrações por vários momentos com recurso a diversas narrativas culturais e artísticas. Dois dias antes da data oficial de comemoração do aniversário, assumida a 24 de novembro, a “Escola Aberta” inaugurou o programa oficial, recebendo os encarregados de educação para assistirem e participarem em atividades escolares ao vivo. O lançamento do livro “Formação de Professores em Moçambique na Área da Prevenção do HIV/SIDA”, a exposição de artes plásticas “Entre 2 Gerações” e a dramatização do conto “O coelho que fugiu da história” marcaram também o primeiro momento da festa dos 20 anos da nossa Escola, que realizará a sessão solene no próximo mês de janeiro com a presença do Presidente da República Portuguesa.

No dia 22 de novembro, o primeiro do programa oficial de celebração do 20.º aniversário, uma exposição de fotografias e cartazes que narraram a história dos 20 anos da EPM-CELP, um sótão que transmitiu conhecimento e magia científicos e uma biblioteca submersa no “mar” da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen atraíram olhares curiosos e a admiração de pais e encarregados de educação. As visitas guiadas do “Dia da Escola Aberta” foram conduzidas pelos alunos do Curso Profissional de Técnico de Turismo do ensino secundário que franquearam aos pais acessos a lugares de utilização exclusiva dos estudantes, mergulhando-os no mundo real e quotidiano das atividades escolares.

As visitas suscitaram aplausos e visível admiração, sobretudo para os que participaram pela primeira vez na “Escola Aberta”. O caso de Sofia Almeida, cujo filho frequenta o pré-escolar, é disso exemplo. “Estou aqui, nesses espaços restritos da Escola, pela primeira vez. Estou mesmo admirada, sobretudo pelo seu tamanho”, declarou, acrescentando que estava a ser “uma ótima experiência, pois é importante conhecermos os locais onde os nossos filhos se movimentarão”.

No rol das atividades da “Escola Aberta”, Milsa Ussene e Fernando Macamo protagonizaram, no Auditório Carlos Paredes, três momentos de drama, suspense e criatividade em palco através da peça teatral “O Coelho que Fugiu da História”, adaptado do conto

com o mesmo nome da autoria de Rogério Manjate e editado pela EPM-CELP.

Na mesma perspetiva artística, a 4 de dezembro, a Escola foi palco de dois eventos culturais que, mais uma vez, valorizaram a sua própria história: lançou o livro “Formação de Professores em Moçambique na Área da Prevenção do HIV/SIDA”, o primeiro de Ana Besteiro e o sexto da coleção “Pensar a Educação”, e inaugurou a exposição “Entre 2 Gerações”, do artista plástico Nino Trindade. O livro de Ana Besteiro, professora de Ciências da Natureza da EPM-CELP, integra a sua dissertação de mestrado em Ciências da Educação - área de Formação Pessoal e Social. Propõe uma análise da forma como estão a ser implementadas as estratégias para a abordagem do HIV/SIDA ao nível dos institutos de formação de professores do ensino primário em Moçambique.

A exposição “Entre 2 Gerações” espelha os sentires e pensamentos de Nino Trindade enquanto artista e membro da sociedade moçambicana e visa, igualmente, problematizar o conceito da arte junto de todos os alunos. “A obra é de caráter didático porque vem cultivar e criar um intercâmbio entre os estudantes da Escola e os traços da minha arte. Venho questionar que noções eles têm sobre a arte moçambicana, principalmente a que tenho feito que incide mais na capulana, no tecido, na escultura abstrata, no tradicional, na mistura de material, no metal e na madeira”, concluiu.



LANÇAMENTO DE LIVRO



Ao centro, Ana Besteiro, autora do livro "Formação de Professores em Moçambique na Área da Prevenção do HIV/SIDA"

ESCOLA ABERTA



“Estou aqui, nesses espaços restritos da Escola, pela primeira vez. Estou mesmo admirada, sobretudo pelo seu tamanho. Uma ótima experiência, pois é importante conhecermos os locais onde os nossos filhos se movimentarão”

Sofia Almeida, encarregada de educação de aluna do pré-escolar no final da sessão da “Escola Aberta”

TEATRO



Milsa Ussene e Fernando Macamo interpretaram “O coelho que fugiu da história”

ARTES PLÁSTICAS



“Entre 2 Gerações” foi a exposição do artista plástico Nino Trindade

UNESCO declarou 5 de maio o Dia Mundial da Língua Portuguesa

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) ratificou, a 25 de novembro último, em Paris, a decisão que proclama 5 de maio como o Dia Mundial da Língua Portuguesa. A proposta, apresentada em outubro e aprovada por mais de 24 países, sublinha que o português é a língua mais falada e difundida no hemisfério sul, com cerca de 265 milhões de falantes no mundo e é o idioma da primeira vaga da globalização.

A sugestão de celebração de uma efeméride dedicada à língua portuguesa foi exposta àquela organização por todos os países lusófonos em outubro e foi apoiada por mais de 24 estados, como, nomeadamente, a Argentina, o Chile, a Geórgia, o Luxemburgo e o Uruguai, o que resultou numa aprovação por unanimidade no conselho da UNESCO a 12 de novembro. Historicamente, esta é a primeira vez que uma língua não oficial da UNESCO é distinguida com um dia mundial.

A decisão da UNESCO realça, sobretudo, o esforço conjunto empreendido para a divulgação e valorização da língua portuguesa. Em maio último, nas celebrações do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP, por exemplo, a embaixadora de Portugal em Moçambique, Maria Amélia Paiva, lembrou aos alunos da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino



e Língua Portuguesa (EPM-CELP) alguns factos sobre a língua portuguesa, particularmente o de ser, neste momento, o quinto idioma mais falado no mundo e o terceiro mais usado na rede social Facebook.

De acordo com a diplomata portuguesa, a língua portuguesa afirma-se também como fator fundamental na constituição da identidade nacional de cada

um dos países onde o português, como língua materna, segunda ou oficial, é uma das línguas formais. Realçou, ainda, o reconhecimento que a língua portuguesa é “instrumento de comunicação e de trabalho em três organizações internacionais, como, por exemplo, a União Africana, a Organização das Nações Unidas e a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral”.

MOMENTOS EPM-CELP

A NOTÍCIA DA NOTÍCIA

A NOTÍCIA NO 4º A DA EPM-CELP

TURMA DO 4º ANO APRENDE NOVO TEMA DE PORTUGUÊS

No dia 22/11/2019, na sala número 24 da EPM-CELP, a turma do 4º A aprendeu o que é a NOTÍCIA, como deve ser elaborada, a sua importância e quem participa nela.

O professor João Carolino apresentou este tema à sua turma, explicando com detalhe os pontos acima mencionados, e também falou das diferentes formas de informar, que são pelo jornal, rádio e televisão.

Por: Ricardo Silveira
EPM-CELP, Maputo - Moçambique

(NOTÍCIA PRODUZIDA POR ALUNO EM SALA DE AULA)





As sessões do Parlamento dos Jovens 2020 arrancaram na EPM-CELP. No dia 11 de dezembro, alunos do terceiro ciclo do ensino básico e do ensino secundário reuniram-se, em debate preparatório, no Auditório Carlos Paredes, para discutir questões relacionadas com a “Violência doméstica e no namoro”, tema escolhido pela iniciativa da Assembleia da República de Portugal para o ano letivo 2019/2020. Com pompa e circunstância, os políticos de “palmo e meio” expuseram as suas teorias e conhecimentos sobre o assunto, como prova da sua prestação cívica de modo a conquistar espaço para a candidatura a deputados à sessão nacional do Parlamento dos Jovens pelo círculo fora da Europa.

A atividade, dinamizada por João Paulo Videira, coordenador do terceiro ciclo do ensino básico, teve início com a visualização de um filme e a dramatização de uma peça teatral sobre a temática, encenadas num contexto social predominante de violência contra a mulher. As tramas alimentaram o debate e inspiraram a apresentação das principais ideias a associar às campanhas eleitorais dos concorrentes à Sessão Escolar agendada para 29 de janeiro do próximo ano, com a eleição dos deputados da EPM-CELP para a Sessão Nacional.

De acordo com João Paulo Videira, o debate visou dotar os alunos de conheci-

mentos práticos e de procedimentos de cordialidade parlamentar para enriquecer a discussão na Sessão Escolar. Ou seja, o debate serviu “para os alunos não tratarem o assunto uns com os outros em confronto pela primeira vez quando já for a sério. Esta é uma forma de preparar os alunos para o que virá a ser a Sessão Escolar”, explicou o docente, satisfeito com a prestação inicial dos estudantes.

O tema debatido, “Violência doméstica e no namoro”, foi previamente estudado em contexto de sala de aula na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, colando, desta forma, os participantes ao principal argumentário sobre o tema. E o debate foi vivo e alargado. De língua em riste, os estudantes abordaram os limites dos conceitos socialmente aceites, que, infelizmente, ainda promovem a violência doméstica. Os exemplos são vários e, dentre eles, destacam-se as tendências da moda, as tradições culturais, hábitos, regras e condutas sociais que aprisionam a mulher.

Os estudantes não se limitaram a apontar as causas propagadoras do mal social, mas sugeriram soluções para acabar com os problemas. Desenvolver a autoestima, reportar casos de abuso, pedir ajuda quando necessário e abandonar o parceiro em caso de excessos são, para eles, entre outras decisões, as melhores medidas. Reitera, a propósito, o professor João Paulo Vi-

deira: “gostei de um aspeto do debate. Os nossos alunos focaram-se tanto na vítima da violência doméstica como no agressor. Não do ponto de vista da punição, mas de tratamento clínico e psíquico, no sentido de diminuir o número de vítimas, tratando os agressores”, concluiu.

Assumindo outra perspetiva de análise do tema em discussão, João Paulo Videira apançou que, embora traiçoeiro, o objeto do debate é pertinente e atual, embora tenha alertado os alunos para não caírem em lugares comuns. Explicou: “este tema tem disso. É um assunto muito apetecível, importante e urgente de ponto de vista social, mas leva as pessoas a lugares comuns, como campanhas de sensibilização e incidir-se só na mulher”, afirmou João Paulo Videira, que espera, convictamente, que as medidas a propor pelos nossos alunos na Sessão Nacional sejam aprovadas para “mais uma vez, mostrarmos o nosso potencial”.

A Sessão Escolar de 29 de janeiro de 2020 terá um perfil mais formal e obedecerá a uma eleição prévia de deputados que, seguidamente, apresentarão as suas medidas. De acordo com o número de votos, serão, posteriormente, escolhidos dois deputados para representarem a nossa Escola, caso sejamos selecionados, para a Sessão Nacional a ter lugar na Assembleia da República de Portugal.

AE lembra vítimas do cancro da mama

A Associação de Estudantes (AE) da EPM-CELP reuniu-se, em novembro, com alunos e professores da nossa Escola para, juntos, homenagearem a capacidade de luta e a coragem na superação da doença demonstradas pelas mulheres vítima do cancro da mama. A iniciativa, Outubro Rosa, traduziu-se na distribuição de fitas que caracterizam a solidariedade para com as padecentes.

Sob o lema “Nós Somos Rosa”, a atividade foi dinamizada em coordenação com os alunos do terceiro ciclo e do ensino secundário. Débora Queimada, presidente da AE, revelou que “o foco foi mostrar que o cancro da mama é uma doença que tem vindo a tirar a vida de muitas mulheres de todas as idades, É uma causa que merece



a nossa solidariedade na luta contra este problema. Hoje homenageamos todas as vítimas do cancro da mama e mostramos que nunca estarão sozinhas na luta”, explicou.

Em Moçambique, o Ministério da Saúde estima que pelo menos 25 mil pes-

soas em todo o território nacional sofram de diferentes tipos de cancro, cuja forma de tratamento, na sua grande maioria, é a quimioterapia. Os dados apontam para cerca de 17 mil vítimas mortais provocadas pela doença.

“Justiça Ambiental” na EPM-CELP motivou alunos a lutarem contra a crise climática

“Crise planetária e mudanças climáticas” foi o tema escolhido por Samuel Mondlane, da organização “Justiça Ambiental”, para a palestra que dirigiu, no dia 18 de novembro, no Auditório Carlos Paredes da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) aos alunos do ensino secundário da nossa Escola. O ativista falou sobre as novas incidências ambientais no mundo e particularmente em Moçambique, motivando os estudantes a desenvolverem um pensamento crítico sobre o consumismo e suas consequências nefastas sobre o meio ambiente.

Durante a apresentação, Samuel Mondlane referiu que “vivemos atualmente uma crise climática, de que Moçambique é a maior vítima no sentido da sua vulnerabilidade, sobretudo pela sua localização geográfica”, acrescentando que “o pior é pagar por ações que desconhecemos. Pagamos o preço do egoísmo e da procura desenfreada pelo poder praticada no ocidente”.

A crise climática, segundo explicou o ativista ambiental, relaciona-se com a intensidade e frequência de eventos climáticos



externos, como as cheias, secas, tempestades e subida do nível das águas do amar, entre outros desastres cujos resultados se mostram cada vez mais catastróficos. À guisa de exemplo, o palestrante sustentou a explicação com a eclosão dos ciclones tropicais Idai e Kenneth, que fustigaram as províncias de Sofala e de Cabo Delgado, respetivamente, no decorrer deste ano.

O maior problema ambiental, segundo Samuel Mondlane, é a libertação de gases que provocam efeito de estufa, à qual está associada a produção da eletricidade, responsável por 21 por cento da degradação

da camada de ozono, seguida pelos setores industrial (17 por cento), transportes (14), agricultura (13), produção e distribuição de combustíveis fósseis (11), desmatamento (10), uso residencial, comercial e serviços (10) e tratamento e disposição de resíduos (4).

No decorrer do debate, vozes da plateia criticaram os sinais de consumismo visíveis sobretudo nas praias de Maputo em tempo de verão e outras aconselharam a diminuição do consumo de carnes e do uso de carros particulares, de modo a responder aos desafios da luta contra a crise climática no mundo.

Aprender para ensinar os mais novos

Com o objetivo de promover a troca de conhecimentos entre alunos de diferentes níveis de escolaridade e, por essa via, melhorar os resultados de aprendizagens, duas professoras do primeiro ciclo do ensino básico da EPM-CELP, Odete Sol (4.º ano) e Teresa Jerónimo (2.º ano), investiram na inovação didática: transmitiram valores humanos e cívicos aos alunos do “4.º B” e estes, por sua vez, encarregaram-se de os passar aos colegas do “2.º C”. A iniciativa, que excedeu as expectativas de todos, ocorreu a 10 de dezembro último, Dia Internacional dos Direitos Humanos, e foi realizada para marcar a efeméride no âmbito do programa de Cidadania e Desenvolvimento.

A ação foi idealizada pela professora Odete Sol, inspirada na antiga prática de pintura e escrita de mensagens românticas do norte de Portugal e, posteriormente, acolhida favoravelmente pela sua colega Teresa Jerónimo, envolvendo 44 alunos das duas turmas do ensino básico.

“Desde o início do ano letivo, 2019/2020, uma das áreas trabalhadas, além das disciplinas normais, é exatamente a de Cidadania e Desenvolvimento. Achei importante abordar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, na perspetiva dos valores que as crianças devem desenvolver, refletir e atuar na sua base. Foi neste suporte que decidimos fazer uma atividade em contexto de sala de aula, em que cada aluno trouxesse um valor, como a verdade, a solidariedade, a justiça ou a paz, entre outros”, explicou Odete Sol, ao “O Pátio”, o conceito da atividade.

De acordo com Odete Sol, os alunos conseguiram, em trabalhos na sala de aulas, coletar 22 assuntos, correspondentes ao número total de alunos na turma. O exercício incluiu, igualmente, uma pesquisa prévia sobre a sua relevância na sociedade. A ação previa disponibilizar a informação recolhida “em aulas à turma do segundo ano, com o mesmo número de alunos. Ou seja, cada estudante do quarto ano partilhou os valores escolhidos com um colega do segundo ano”, referiu a docente, acrescentando que “antes, os petizes dinamizaram debates sobre os temas escolhidos. A ideia é que os mesmos trouxessem argumentos comprovativos do interesse de cada valor, da sua importância e implementação sociais e alguns exemplos de como cada um se manifesta”.

Para os alunos beneficiadores da iniciativa, os do “2.º C”, a iniciativa proporcionou, para além de aprendizagens múltiplas, oportunidades de relações de amizade e companheirismo entre os pares. Teresa Jerónimo, professora desta turma, assegurou que a discussão dos temas foi orientada



num ambiente calmo, pois os seus estudantes já tinham noções de temas relacionados com os direitos da criança. Mas, facto curioso, “os alunos foram recordando certas histórias usadas para justificar cada valor, o que fez com que se criasse um ambiente saudável entre eles”, lembrou.

Na atividade, cada um dos 22 alunos do quarto ano ofereceu um lenço com uma mensagem ao seu colega do segundo ano. O resultado da colaboração e das aprendizagens foi notável: “os alunos começaram a implementar tudo o que aprenderam, tanto na sala de aula como no seio das suas famílias, fazendo-lhes crescer o sentido de responsabilidade pelos seus atos quando em situação de interação social”, concluíram as docentes Odete Sol e Teresa Jerónimo.

Uma geração, duas experiências

Abordados pelo “O Pátio”, os alunos porta-vozes do “4.º B” e “2.º C” falaram sobre as suas inspirações e os significados dos valores humanos e sociais selecionados. Gabriel Gonçalves explicou que, por exemplo, o que mais lhe impressiona é a coragem. Para o petiz, a coragem ensina a enfrentar as barreiras psicológicas e físicas



que a vida nos impõe. “As pessoas não devem ter medo, senão não fazem o que mais gostam”, declarou, exemplificando com uma própria fobia: “eu tinha medo do escuro, mas agora já não tenho”.

Mirela Rosa Manjate Chambal tem sete anos e recebeu do seu colega do quarto ano o lenço “Respeito”, que, segundo contou, ensina a “tratar bem os amigos, a família, conhecer pessoas novas e tratá-las bem e ter cuidado com uma coisa que é dos outros”, explicou. Porém, embora aprecie todos os valores humanos, a aluna aprecia mais a “interajuda”. E a razão é simples: “gosto muito de ajudar os meus colegas a desenhar e a descobrir várias coisas”, concluiu.

Alunos observaram desova das tartarugas

Alunos da turma A2 do 12.º ano da EPM-CELP, acompanhados pelos respetivos professores, visitaram, no passado dia 29 de novembro, a praia da Ponta de Ouro, em Maputo, onde, para além do lazer, acompanharam os guardas da Reserva Marinha Parcial daquele local turístico num percurso noturno de vigilância na praia. A experiência ofereceu aos alunos mais aprendizagens sobre a época da desova das tartarugas, a monitorização das mesmas e a natureza no geral.

De acordo com a aluna daquela turma Paula Silva – que nos trouxe o resumo da viagem – a equipa foi dividida em dois grupos, tendo o primeiro partido na sexta-feira e o outro no sábado. Durante a expedição, explicou a estudante, “estávamos convencidos de que veríamos apenas tartarugas, mas a natureza surpreendeu-nos! Ambos os grupos conseguiram ver tartarugas marinhas, da espécie *Caretta Caretta*, conhecida por Tartaruga-cabeçuda. O primeiro grupo avistou uma a voltar para o mar e outra a cobrir o seu ninho. O segundo grupo avistou, também, uma a voltar para o mar e outra a iniciar a construção do seu ninho”, narrou Paula Silva.



A aluna contou ainda que o primeiro grupo parou para observar a tartaruga que cobria o ninho e o segundo conseguiu acompanhar a desova, sublinhando que “todos tiveram a oportunidade de tocar na sua carapaça e de sentir a sua pele áspera. Tivemos sempre o cuidado de usar uma luz infravermelha perto da tartaruga, para que ela não se sentisse incomodada e no final ajudamo-la a regressar ao mar com a luz

branca, pois elas seguem essa luz. O segundo grupo presenciou um fenómeno fantástico, a bioluminescência. A areia brilhava quando pressionada, devido à presença de fitoplâncton”.

Para além das tartarugas e do céu repleto de estrelas, os dois grupos admiraram igualmente a Via Láctea, uma nebulosa, algumas constelações e até uma estrela cadente.

Mar inspirou atividades de alunos do segundo ano

Dezenas de alunos de seis turmas do segundo ano do ensino básico da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) aliaram a sua criatividade e engenho à simplicidade, criando imagens de mar e seus habitantes. A atividade, desenvolvida no âmbito do projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular no decorrer do primeiro período escolar, intitulada “Aprender a ser, conhecendo mais”, enalteceu, a viagem de circum-navegação de Fernão Magalhães e o centenário do nascimento da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen.

A atividade terminou a 17 de dezembro último, na nossa Escola, e contou com a presença de pais e encarregados de educação. De acordo com Teresa Jerónimo, organizadora e representante do segundo ano do ensino básico, estes foram integrados no evento com o objetivo de dar a conhecer os trabalhos e as atividades que os seus educandos foram desenvolvendo ao longo de três meses, no âmbito daquele projeto.

“Os pais tiveram o privilégio de apreciar o trabalho feito pelos seus filhos e, acima de tudo, participarem na construção de alguns objetos, que também trouxeram brilho às exposições. A intervenção dos pais começou na aula de Educação Física, passando para a



de Educação Musical e colaboraram, depois, na construção de aquários, ao lado dos seus respetivos educandos”, explicou Teresa Jerónimo.

Na atividade os alunos não só criaram aquários e visitaram a Biblioteca Escolar José Craveirinha – onde se realizou uma visita guiada, na companhia dos respetivos pais -, como também coloriram, com sentido artístico, o seu bloco de salas, transformando este em fundo do mar, com panos azuis no teto e nas paredes, algas, animais marinhos e uma paz imanente.

Com a mesma dinâmica de simplicidade, própria para estas idades, os alunos construíram aquários para criação de animais marinhos, que, segundo Teresa Jerónimo, serão melhorados no segundo período escolar e, doravante, expostos a comunidade educativa. Os trabalhos foram desenvolvidos em coordenação com os professores de Educação Musical, Artes Visuais, Educação Física, Inglês e TIC.

O projeto está dividido em três fases, correspondentes ao número de períodos letivos, tendo sido o primeiro dedicado ao mar, o segundo à terra e o terceiro ao conjunto terra-mar, o qual finalizará a história do trajeto de Fernão Magalhães em outras terras e mares.



Alunos na tenda do Circo Matemático

Alunos dos oitavo e nono anos do ensino básico e do “secundário” da AEPM-CELP assistiram, no dia 16 de dezembro, no Auditório Carlos Paredes, a demonstrações lúdicas impulsionadoras do gosto pela matemática. A sessão foi dinamizada pelo investigador matemático português e membro do Circo Matemático, Tiago Hirth, que, para além de estimular a vontade de aprender sobre cálculos, transmitiu aos presentes estratégias de compreensão da disciplina e de resolução de problemas de forma mais simplificada.

De acordo com Patrícia Cascais, representante da área disciplinar de Matemática, a atividade foi organizada com o objetivo de desmistificar a área dos cálculos matemáticos e contribuir, assim, para a melhoria dos resultados na disciplina. “Fomos ter com Tiago, sobretudo por conhecermos o seu trabalho. Foi um dia fantástico e, felizmente, os alunos descobriram alguns pontos-chave da matemática e, através do lúdico, intensificaram o seu interesse pela disciplina”, explicou a professora.

Inês Sarmento, docente de Matemática, afirmou, por sua vez, que o programa rejeita o uso abusivo da internet na resolução de problemas de cálculos. Ou seja, se-

gundo esclareceu, o desafio atual para o estudante é o desligamento e relativização do saber maioritariamente disponível na Internet, onde, argumenta, os alunos “têm todas as respostas sobre um problema que querem resolver, mas a Matemática Recreativa propõe a resolução de desafios de forma consciente, usando o cérebro para descodificá-los”.

Sobre o suposto afastamento dos alunos em relação à disciplina, Inês Sarmento explicou que “depois das aulas com o Tiago, os alunos levaram uma reflexão para casa. Revelei-lhes que se eles entenderam os jogos do investigador é porque dominam a matemática. Não há outra justificação, pois quanto menos conhecimentos tens sobre a matéria, mais chances tens de ser manipulado”, esclareceu a professora.

Para Patrícia Cascais a descoberta da matemática não se pode esgotar num dia apenas de atividades lúdicas. Deve ser permanente e “nós temos um compromisso na sala de aula de aproveitar estas ideias, estas atividades para lhes dar alguma continuidade de motivação através do lúdico”, declarou a docente.

Em palco, Tiago Hirth exibiu brincadeiras de combinação de teorias de nós, jogos

combinatórios, probabilidades, geometria, teoria de números e, quase, todos os elementos da Matemática Recreativa. Falando ao nosso “portal”, o cofundador do Circo Matemático explicou que a matemática é o gosto do pensar crítico e tão bom quanto possível. “Serve para resolver problemas de forma eficaz. Ela faz parte da nossa vida: o plano de estudos, cálculos da distância, tamanhos, tempo, etc.”, referiu Tiago Hirth.

A Matemática Recreativa, de acordo com Tiago Hirth, é um campo muito vasto, que funciona como se fosse o folclore da área. Ou por outras palavras, são atividades que qualquer pessoa percebe facilmente e que podem levar o aluno a um estágio da matemática muito sério e profundo. “É uma disciplina mais utilizada por professores, para atrair atenções pela matemática, mas também é uma área do estudo histórico e técnico a partir da qual surgiram as teorias dos gráficos e da probabilidade, que começaram com brincadeiras”, afirmou.

Tiago Hirth é investigador do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia da Universidade de Lisboa. Foi, em 2011, um dos fundadores do Circo Matemático, dedicando-se à matemática investigativa.



Pela literacia e formação da juventude

A intervenção e colaboração do projeto “Mabuko Ya Hina” (Os Nossos Livros) junto das instituições e comunidades moçambicanas continua a promover a literacia e a formação de dinamizadores e promotores locais com destaque para a participação no Programa de Educação da Rapariga no Parque Nacional da Gorongosa e, ainda, a projeção de atividades daquele projeto de cooperação na Ilha de Moçambique .

550 livros para Raparigas do ERA

No âmbito da parceria entre a EPM-CELP e o Parque Nacional da Gorongosa (PNG) a equipa do projeto projeto “Mabuko Ya Hina” visitou, no passado dia 4 de dezembro, o escritório de Maputo do PNG.

Constituiu objetivo da visita a oferta de 550 exemplares de publicações da EPM-CELP aos Clubes das Raparigas das zonas norte e sul do PNG para o enriquecimento do acervo bibliográfico de 50 maletas de leitura criadas pelo Centro de Educação Comunitária daquela reserva natural.

Com esta oferta, recebida por Patrícia Guerra, representante do PNG em Maputo, a EPM-CELP espera poder contribuir para incentivar o gosto pelo livro e pela leitura em língua portuguesa junto das raparigas que integram o programa ERA. ●



“Mabuko” monitoriza atividades dos Clubes das Raparigas do Parque Nacional da Gorongosa

A equipa do projeto “Mabuko Ya Hina”, constituída pelas docentes Ana Albasini e Isabel Mota da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), efetuou uma visita de monitoria ao Centro de Educação Comunitária (CEC) do Parque Nacional da Gorongosa (PNG) com o objetivo de rever os conteúdos anteriormente trabalhados no âmbito do Programa de Educação para a Rapariga (ERA).

A iniciativa, que teve lugar entre 17 e 22 de novembro último, contemplou uma componente prática, de observação das atividades dinamizadas pelos promotores de leitura nos Clubes das Raparigas, e uma componente teórica de revisão dos conteúdos trabalhados nos primeiros dois módulos de formação, nas áreas da leitura em língua portuguesa e educação para a cidadania.

No primeiro dia do programa, Ana Albasini e Isabel Mota reuniram com a diretora do CEC, Susan Masiyiwa, e, no dia seguinte, visitaram dois clubes da Rapariga, acompanhadas por elementos da equipa do CEC. Ana Albasini, Vilma Mugwagwa e Mofate Taíbo visitaram o Clube da Rapariga de Nhandar, situado na zona norte do PNG, e observaram as práticas dos promotores de leitura Jordão Rafael Viegas e Simbizai Eusébio David. Este clube integra 40 raparigas que os promotores descrevem como assíduas e bastante participativas. Estiveram presentes na atividade 38 raparigas que demonstraram, na sua maioria, conhecer o alfabeto e os ditongos, fazendo já a leitura dos mesmos.

Por sua vez, Isabel Mota, Melode Aleixo e Barreto Zeca visitaram o Clube da Rapariga de Matenga, situado na zona sul do PNG, e observaram as práticas do promotor Benedito Bola Bene. Participaram na atividade 24 raparigas, entre os 6 e os 14 anos, que mostraram já conhecer o conceito de “Igualdade de Género” e a importância do mesmo para as suas vidas.

Depois dos primeiros três dias de supervisão do trabalho realizado pelos promotores de leitura nos Clubes das Raparigas situados nas comunidades da zona tampão do PNG, as docentes da EPM-CELP, Ana Albasini e Isabel Mota, iniciaram, no dia 20 de novembro, a ação de revisão da componente teórica dos conteúdos trabalhados nos primeiros dois módulos de formação nas áreas da leitura em língua portuguesa e educação para a cidadania. Esta ação ocupou dois dias de trabalho que teve lugar



na Pousada Azul, localizada na Vila da Gorongosa, contando com a participação de 98 promotores de leitura.

A equipa do projeto “Mabuko Ya Hina” também reuniu com a equipa do CEC do PNG para avaliar as iniciativas levadas a cabo pelos promotores de leitura, bem como fazer um balanço dos pontos fracos e fortes relativos ao funcionamento dos Clubes das Raparigas, aproveitando para recordar as estratégias que os promotores de

leitura devem usar no trabalho que realizam nos Clubes das Raparigas.

Após sensivelmente um ano e estando o PNG e as localidades da zona tampão recuperados dos prejuízos causados pelo ciclone Idai, assinalou-se, assim, o regresso da equipa do “Mabuko Ya Hina” ao CEC para dar continuidade à parceria entre a EPM-CELP e o PNG no âmbito do Programa de Educação para a Rapariga (ERA). ●



“Mateus Sansão Muthemba” aceitou desafio do Concurso Nacional de Leitura de Portugal

O projeto “Mabuko Ya Hina” (Os Nossos Livros), representado pela Escola Secundária Mateus Sansão Muthemba, participa, pela primeira vez, no “Concurso Nacional de Leitura” (CNL), uma iniciativa do Plano Nacional de Leitura de Portugal (PNL2027). É a 14.ª edição do certame, que teve início a 7 de outubro último e vai prolongar-se até 6 de junho de 2020, com o principal objetivo de “estimular o gosto e o prazer da leitura para melhorar o domínio da língua portuguesa, a compreensão leitora e os hábitos de leitura”, tal como oficialmente anunciado.

No dia 11 de dezembro, a docente da EPM-CELP e coordenadora do projeto “Mabuko Ya Hina”, Ana Albasini, e o diretor pedagógico da escola participante no CNL, Domingo Jemusse, realizaram a primeira atividade com os alunos selecionados, contextualizando-os sobre o regulamento do concurso e oferecendo a cada um a obra “O Pescador de Estrelas e Outras Histórias”, uma publicação da EPM-CELP, da Coleção Acácia, da autoria de Mathilde Ferreira Neves.

Entre as 34 escolas que integram o Projeto “Mabuko ya Hina”, a Escola Secundária Mateus Sansão Muthemba foi a escola selecionada para participar na 14.ª edição do CNL por estar a implementar o

Plano Nacional de Ação de Leitura e Escrita (PNALE – Moçambique) desde março de 2019.

O processo de participação da escola começou com a realização de uma reunião com a direção e professores envolvidos na implementação do PNALE para auscultação do seu interesse e disponibilidade para acolher a iniciativa do PNL2027. Na sequência, os professores da ES Mateus Sansão Muthemba selecionaram 15 alunos que transitaram da oitava para a nona classe, assumindo como principais critérios de seleção as competências dos alunos aos níveis da leitura, escrita, cidadania e direitos humanos.

Os alunos aceitaram o desafio com muito interesse e motivação, assumindo o compromisso de lerem a obra durante as férias de encerramento do ano letivo nas escolas do sistema de ensino de Moçambique para, desta forma, darem o seu melhor na 14.ª edição do Concurso Nacional de Leitura de Portugal. ●



Projeto “Mabuko Ya Hina” integrado no “Cluster” da Ilha de Moçambique

O projeto “Mabuko Ya Hina”, realizou, entre 6 e 8 de novembro, uma visita de trabalho à Ilha de Moçambique, através dos seus representantes, Ana Albasini e Isabel Mota, que procederam ao reconhecimento da realidade local para elaboração de um plano de intervenção nas bibliotecas públicas distrital e municipal, no âmbito da terceira edição do “Cluster” da Ilha de Moçambique.

Dos trabalhos fez parte uma reunião com o presidente do Conselho Municipal da Ilha de Moçambique, com o diretor do Serviço Distrital, com o vereador dos Assuntos Sociais e Religiosos e com docentes e técnicos bibliotecários locais. Neste encontro participaram os membros da equipa da EPM-CELP, Patrícia Pincarilho, conselheira para a cooperação da Embaixada de Portugal em Moçambique, e Vasco Ribeiro, técnico residente do Camões – Centro Cultural Português em Maputo, que propuseram a reorganização dos espaços das bibliotecas e a formação de docentes e técnicos nas áreas da gestão e dinamização de acervos.

O projeto “Cluster” da Ilha de Moçambique” teve início em 2012 e, até então, contou com duas fases interventivas, sendo que a terceira está prevista para 2020, com a duração de dois anos. Dentre os diversos objetivos, destacam-se a contribuição para o desenvolvimento integrado e sustentado da Ilha de Moçambique; a promoção da qualidade de ensino desde o nível pré-escolar até ao universitário, bem como contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento de uma sociedade plural com igual acesso a oportunidades, com sistemas e instituições capazes de criar um ambiente favorável de modo a empoderar as comunidades locais.

Ana Albasini e Isabel Mota deslocaram-se à Ilha de Moçambique a convite do Camões – Centro Cultural Português em Maputo. ●



Rotação das maletas de leitura prepara novo ano letivo

Como sucede anualmente, após o encerramento do ano letivo nas escolas do sistema de ensino de Moçambique, o projeto “Mabuko Ya Hina”(Os Nossos Livros) deu início, no dia 28 de novembro, ao processo de verificação e rotação das Maletas de Leitura, um dos recursos disponibilizados às escolas. Desta vez, a primeira escola a ser visitada foi a Escola Comunitária 4 de Outubro.

Em 2019/2020, as escolas abrangidas por este processo pertencem ao grupo “Mabuko Ya Hina I”, - EC Polana Caniço B; EC Maxaquene D; EC Amizade Sem Fronteiras; EC Rainha da Paz; EC 4 de Outubro; EPC Unidade 25; EPC Maguiguana; EPC Matchik Tchik; EPC 4 de Outubro e EPC Polana Caniço B –, ou seja, o primeiro conjunto de 10 Maletas de Leitura criadas pela Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal.

As Maletas de Leitura estão numeradas de um a dez, procedendo-se à sua rotação de dois em dois anos. Assim, circulam entre as 10 escolas do grupo, de modo a que as comunidades escolares recebam, em cada biénio, uma nova biblioteca móvel, com acervo diferente. Cada uma das Maletas de Leitura possui entre 160 a 200 livros de diversas áreas temáticas; o “Diário da Maleta”,



onde são registadas as entradas e saídas dos livros e as atividades dinamizadas com os mesmos; uma pasta com os documentos relativos ao funcionamento da Maleta de Leitura – projeto; regulamento interno; lista do acervo e fichas modelo para a planificação trimestral das atividades.

Nas escolas que integram o Projeto “Mabuko Ya Hina”, as Maletas de Leitura estão sob a responsabilidade do diretor-geral, do diretor pedagógico e de dois professores com quem a equipa da EPM- CELP articula ao nível das ações inerentes à gestão e dinamização do projeto.

Durante a rotação, as Maletas de Leitura são enriquecidas com publicações da EPM-CELP para, por um lado, colmatar eventuais perdas de livros e, por outro, promover a leitura mediante a oferta de novos livros.

O projeto “Mabuko Ya Hina” pretende terminar este processo até à abertura do ano letivo do calendário escolar moçambicano, para que os alunos iniciem as atividades escolares encarando as Maletas de Leitura como recursos disponíveis e fundamentais para o desenvolvimento das competências nas diferentes áreas do saber. ●



Ensinar teatro sem caderno diário

A relação intimista e naturalista que Rogério Manjate mantém com o teatro, como ator e encenador, transparece no seu discurso sobre a didática interpretativa da atividade teatral em ambiente escolar. Quando ensina crianças e adolescentes procura que a essência da representação dramática esteja naturalmente presente na experiência de aprendizagem dos alunos, afastando inibições e receios condicionadores da expressividade natural do ser humano, acrescentado-lhe valor estético. O teatro é uma ferramenta educativa insubstituível.



Entrevista conduzida por
FULGÊNCIO SAMO
ANTÔNIO LOPES

Qual é o contributo da expressão dramática na formação dos alunos?

Há três domínios de funcionamento do teatro na nossa escola: o primeiro corresponde ao primeiro ciclo do ensino básico, cujo funcionamento aos níveis das metodologias e dos instrumentos de trabalho desconheço; o segundo é o teatro como disciplina semestral para os alunos dos sétimo e oitavo anos de escolaridade e, por fim, o programa “Maningue Teatro” que funciona como ativi-

dade de complemento ou extracurricular, por isso voluntária, disponível para alunos do segundo ciclo ao ensino secundário.

Há uma formação em expressão dramática assumida no primeiro ciclo do ensino básico?

Atualmente as crianças têm uma hora semanal de expressão dramática. Mas eu não sei como funciona. Porém, tenho a percepção que usamos metodologias e conhecimentos técnicos e teóricos diferentes. Talvez haja necessidade de se trabalhar e promover, neste ciclo de ensino, modelos e metodologias de educação teatral, em que o teatro é um instrumento aplicado na edu-

cação para o desenvolvimento e transformação social, como por exemplo, o “process drama” que visa, acima de tudo, a transversalidade e a flexibilidade curriculares através do qual o aluno é colocado a resolver problemas e a perceber o processo de tomada de decisões. O que é diferente de uma visão do teatro como produto artístico.

Qual o estado da arte da integração da expressão dramática nas práticas educativas?

Os países anglos-saxónicos são um bom exemplo dessa integração. Foi neste universo que se desenvolveu o teatro na edu-

ROGÉRIO MANJATE
Ator, escritor, cineasta
e professor de teatro



ção, com o chamado “process drama” e todo um manancial de conhecimentos desenvolvidos a partir dos anos 60. Atualmente é utilizado em muitos países de forma organizada, com cada vez maior consciência da necessidade de formação de professores nessas metodologias. Durante muito tempo prevaleceu a ideia de que os professores de português são capazes de dar estas aulas. Não, não são! Só se tiverem sido treinados, porque a componente de formação é muito importante. Uma coisa é a teoria da expressão dramática, mas trabalhar o teatro como ação pedagógica é outra coisa. Nem todos os professores têm essas competências. Nas escolas moçambicanas introduziu-se a educação musical, mas quem é que estava lá para ensinar? Há um problema de insuficiência de quadros.

És otimista relativamente à ação do governo moçambicano para fazer face a essa insuficiência?

Isso depende da importância e valor atribuídos à arte e à sua integração no sistema de educação. Introduziram-se cursos superiores em artes, mas com um investimento incipiente nas infraestruturas e recursos

humanos. Então, de um modo geral, os cursos funcionam mal e são incapazes de responder à demanda e colmatar as faltas existentes.

Que didática para o teatro na escola?

Nos processos dramáticos pode-se abordar qualquer conteúdo pedagógico desde a sexualidade, a preservação do ambiente, a amizade, a emigração, o “bullying”. É todo um processo que conduz os participantes a assumirem algumas personagens dentro do contexto criado. De seguida, instala-se uma problemática e os participantes calçam os sapatos do outro e, no calor da situação, devem agir e tomar decisões. No final, voltam a si próprios e analisam-se as situações que surgiram e tiram-se conclusões. Os alunos, assim, consciencializam as diversas problemáticas através do teatro e da reflexão e não apenas da imitação. Deste modo, o teatro pode levar a pessoa a ganhar consciência de cidadania e a gerar conhecimento. Quando os alunos expõem e verbalizam as suas próprias motivações são oportunidades de aprendizagem através dos processos dramáticos, ao invés de, por exemplo, dar um texto para os miúdos decorarem para depois repetir, muitas vezes como papagaios.

O que a expressão dramática acrescenta à formação do aluno, como beneficiário do processo de ensino-aprendizagem?

Por iniciativa própria ou dos encarregados de educação, muitos alunos, quando se inscrevem, querem trabalhar aspetos que o teatro cobre de forma natural, tais como a espontaneidade, a desinibição, a perda da vergonha e da timidez. Um dos principais elementos a explorar é o jogo teatral. Aí o aluno cria e experimenta através do seu corpo, sentimentos e emoções. O jogo teatral na educação é uma importante forma de aprendizagem cognitiva, afetiva e psicomotora. A criatividade dramática auxilia o pensamento criativo e o desenvolvimento social, permitindo ao aluno melhorar as relações interpessoais, no domínio socioafetivo, a comunicação, a criatividade e a imaginação. O conjunto de exercícios também levam a trabalhar a concentração e a expressividade com impacto na oralidade. Mais ainda, promove a autoconfiança, habituando os alunos a serem observados. O jogo teatral também canaliza a energia para o indivíduo, integrado no coletivo, para o desenvolvimento da escuta, da reflexão e autocritica e da socialização. E porque o trabalho do teatro é altamente coletivo, também leva ao conhecimento de si mesmo, do outro e do mundo.

É uma educação pelo teatro e não uma educação para o teatro?

Quando dou aulas no ensino superior o objetivo é formar profissionais para o teatro – atores, dramaturgos e encenadores. Esta é

uma dimensão do ensino do teatro. No caso da escola básica ou secundária, promovem-se habilidades e competências sociais associadas à compreensão do teatro como disciplina curricular. Acima de tudo, neste nível de ensino, o foco é no indivíduo, como referi anteriormente, e na contribuição do teatro como ação pedagógica, no sentido em que cada jogo ou exercício, além da função recreativa, cumpre uma função didática, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e no seu desenvolvimento pessoal. Mais ainda, se pensarmos que as crianças hoje têm menos espaço e tempo para a brincadeira, para o jogo, sabe-lhes bem irem a uma aula onde só se brinca. Neste caso, estas aulas proporcionam-lhes o prazer da brincadeira, mas ao mesmo tempo ensinam e desenvolvem certas habilidades para a vida. É preciso lembrar que as funções da arte e educação estética são a recreação, a socialização e o desenvolvimento pessoal.

São necessárias habilidades prévias para os alunos escolherem teatro como opção curricular?

Zero! Vontade, cabeça aberta e estar ali como corpo é o necessário para fazer teatro. Costumo dizer aos alunos para não pensarem com a cabeça, mas com o corpo, deixando que este responda aos estímulos. Porque o teatro é uma atividade humana, da mesma forma que é a música para a qual não é preciso, à partida, saber cantar ou tocar um instrumento. Tudo se pode ensinar. A experiência prévia ne-



cessária é a humanidade.

Todas as pessoas estão ligadas, naturalmente, à origem do teatro, por exemplo, ao relatarem uma determinada situação ou episódio da vida quotidiana. Nestes momentos, estamos a usar o nosso corpo, a nossa voz e fazemos imitações. Uma vez





conta-se o que se passou, mas, em determinados momentos, representa-se o que o outro fez, imitando-o, exagerando aqui e ali. Chegamos até a brincar com um episódio tão trágico quanto a morte. Esta é a origem do teatro.

ou diante da pessoa por quem está apaixonado, e etc..

Como o teatro chega aos alunos? Que tipo de atividade se faz em concreto junto das crianças e adolescentes?

A brincar. É mais que sabido que a brincadeira permite aprendizados nos diferentes domínios. As primeiras aulas são mais para eles pensarem com o corpo e utilizarem-no como instrumento de expressão. A verdadeira língua materna do homem é o movimento, o gesto, e só depois vem a fala, expressa nas diferentes línguas. Esta prática tem surtido

a este nível, as crianças ainda não têm prática de tomar notas de forma autónoma.

A atuação dos alunos passa mais pela espontaneidade e naturalidade ou pelo estudo, pelo trabalho, pelo adquirir de conhecimentos e de técnicas de teatro?

O trabalho é que prevalece. Não existem “TPCs” nem testes formais. Há a formalidade do trabalho. Eles aprendem fazendo. É uma experimentação física e emocional. Aprendem as técnicas do teatro e adquirem um conjunto de habilidades que, depois, utilizam nas mais variadas situações. No outro cruzei-me com uma aluna que me disse, toda entusiasmada, ter utilizado nas aulas



Então o teatro é implícito à existência humana?

Sim. Na “Poética”, Aristóteles diz que a imitação é natural ao homem e que o ser humano aprende por meio dela. A origem do teatro é simples, apenas ganhou ao longo do tempo uma sofisticação e valores estéticos variados. Outro exemplo, o sociólogo Erving Goffman fala da representação do eu na vida quotidiana, das nossas representações. O homem está sempre a representar. Em casa é uma personagem diferente da do homem ou mulher diante dos seus chefes e ainda diferente quando está no círculo de amigos,

“A verdadeira língua materna do homem é o movimento, o gesto, e só depois vem a fala, expressa nas diferentes línguas. Esta prática tem surtido bons resultados porque potencia a criatividade e a imaginação e, ao mesmo tempo, desconstrói, um pouco, a ideia deles [dos alunos] do teatro em que só imitam princesas e príncipes.”

bons resultados porque potencia a criatividade e a imaginação e, ao mesmo tempo, desconstrói, um pouco, a ideia deles do teatro em que só imitam princesas e príncipes. Mais tarde começamos a trabalhar a improvisação, usando a palavra a partir de situações do quotidiano. Há, depois, uma outra parte que são as narrativas autobiográficas através das quais os alunos contam histórias significantes das suas vidas, que depois são improvisadas e dramatizadas. Estas partilhas geralmente criam laços entre eles, mas também conhecimentos. Por vezes, uma história tão banal ou tão profunda abre espaço para compreender o outro, trabalhando-se a sensibilidade.

O que prevalece na expressão dramática: a teoria ou a prática?

O trabalho é meramente prático e a minha experiência fez-me eliminar o caderno diário porque distrai, uma vez que,

de Português algumas técnicas de representação que aprendeu no teatro e saiu-se bem. Isto significa que a pessoa aprendeu alguma coisa, que reconheceu, apropriou-se, valorizou e integrou. Este é apenas um exemplo do teatro inserido na flexibilidade curricular, como instrumento de aprendizagem ou de pesquisa. O envolvimento de uma pessoa no teatro leva-a a descobrir coisas de si próprio e sobre o outro.

Onde fica o público nesse processo e que peso tem no desempenho do aluno?

Infelizmente, os pais, os próprios alunos e mesmo a comunidade escolar só valoriza as apresentações, o espectáculo no auditório, quando isso é o menos importante. Existe um grande conjunto de valências de aprendizagem que são invisíveis para quem está fora do processo. As nossas aulas não são ensaios. Mas quando se desenvolve um produto estético razoável, então mostra-se ao público. Por outro lado, o público está sempre presente porque quando desenvolvemos atividades na sala de aulas, os alunos vêem os trabalhos uns dos outros e têm, assim, a oportunidade para reflectir e criticar o que é feito.

No jogo entre o texto e a expressão o que é dominante?

Trabalhamos a improvisação e os alunos é que produzem espontaneamente os textos. Há alguém que conta uma história, mas às vezes não tem pormenores e quem tem de preencher esses vazios é o grupo, que se constitui como um espaço de imaginação e criatividade na produção do conteúdo. Às vezes o texto é narrativo e não teatral, cheio de “buracos” que os alunos têm de preencher, o que estimula também a criatividade e a imaginação. Raramente utilizamos um texto dramático porque ele remete para a ideia de memorizar, do ensaio, que é o que menos gosto.

Tendo em conta o carácter multifacetado da tua intervenção cultural e profissional na literatura, teatro, cinema e ainda ensino, como te situas ou defines?

Não me defino. Sempre há este problema porque faço três ou quatro coisas em simultâneo. Mas, na verdade, o que eu faço no teatro e na escrita são coisas altamente relacionadas: sou um contador de histórias.

O que te apaixona mais?

Cada actividade em separado. No teatro, trabalha-se e cria-se sempre com o outro, como encenador ou actor. A escrita é solitária, tem os seus prazeres, dificuldades, fantasmas e angústias, mas o teatro é outra coisa – no início é sempre aterrador, mas depois de umas semanas o objecto toma forma. Não vou falar do cinema porque não sou cineasta, tive apenas uma incursão no cinema há mais de 10 anos. Neste momento o meu trabalho no cinema é mais de escrita e dou aulas de guião. Sou professor de teatro e aí tenho o prazer de olhar para o miúdo que descobre o teatro, desenvolve as técnicas e em interação com os outros descobre coisas novas. Esta parte do ensino é importante e também me dá prazer. Para escrever não é preciso ir à universidade, apenas tens de ler e ir compreendendo os mecanismos



“As nossas aulas não são ensaios. Mas quando se desenvolve um produto estético razoável, então mostra-se ao público.”

da escrita, por exemplo como é que o Gabriel Garcia Márquez elabora a sua narrativa, cria os ambientes, as surpresas, como gere as transições e como desenvolve as personagens ou rompe com a realidade. Aprendes a partir da leitura e fazes o teu caminho, escrevendo todos os dias e lendo mais do que escreves. No teatro o trabalho é partilhado com outras pessoas – encenadores, actores, cenógrafos, músicos e muitas vezes há um prazo, o que é excitante. Comecei aos 19 anos, do nada. Depois de 20 anos de prática fui estudar teatro e disse para mim: caramba, se tivesse estudado isto desde o princípio... Nos anos 90 aprendíamos fazendo e acreditando no que os outros tinham para nos dar. Assim, dentro das nossas capacidades e limitações fomos trabalhando juntos e partilhando os saberes e as ignorâncias. Olho hoje para os miúdos e tomara eu ter tido as oportunidades atuais quando comecei, pois o teatro teria tido outro impacto na minha vida. ●

Rogério Manjate, natural de Maputo, é escritor, ator, encenador e professor de teatro. É mestre em artes dramáticas pela Universidade de Witwatersand (África do Sul) e licenciado em engenharia agrónómica pela Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique). Iniciou a carreira de ator em 1991 no Teatro Avenida, integrando o grupo “M’Bêu” até 1995. De 1992 a 2005 foi também ator do grupo de teatro “Mutumbela Gogo”, participando em espetáculos, festivais e digressões da companhia. Em 2004 fundou a Oficina de Teatro Galagalazul, da qual é produtor, encenador, dramaturgo e ator.

Tem quase uma dezena de livros publicados, sobretudo de poesia e na área infantojuvenil, pelos quais foi várias vezes distinguido. Por exemplo, a obra “Choveria areia” (2005) valeu a Rogério Manjate o Prémio 10 de Novembro de poesia e com “Casa Em Flor” (2004), também de poesia, arrecadou o Prémio de Literatura Para Crianças do FBLP, para além do Prémio União Latina e do Prémio Literário TDM, ambos em 2002.

No cinema Rogério Manjate realizou a curta “I Love You” em 2007 e, neste mesmo ano, o documentário “O meu marido está a negar”.



SOPHIA 100 ANOS

EPM-CELP celebrou centenário do nascimento de Sophia de Mello Breyner

Para assinalar o centenário do nascimento da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, a EPM-CELP promoveu diversas atividades artístico-culturais e pedagógicas em torno do mar, o mote poético e lírico da homenageada. A Biblioteca Escolar José Craveirinha ofereceu uma exposição do mar e melodias de Sophia; o grupo disciplinar de Teatro, em colaboração com o Coro da EPM-CELP e de professores de diversas disciplinas, exibiu o espetáculo “SOPHIA 100 Anos – Performance” e o Plano Nacional de Cinema projetou o filme sobre a homenageada, produzido pelo cineasta português João de César Monteiro.

Mais do que celebrar o centenário do nascimento de Sophia de Mello Breyner Andresen, os eventos artísticos dinamizados na nossa Escola reconheceram, em toda a sua extensão, a obra e vida da poetisa portuguesa. O grupo disciplinar de Teatro, em colaboração com o Coro EPM e de professores de diversas disciplinas, por exemplo, exibiu, no dia 6 de novembro, várias peças teatrais e cânticos poéticos interpretados a partir dos trabalhos da homenageada, no exato dia do seu nascimento, no Porto (Portugal), em 1919.

No palco, assistiu-se a verdadeiras viagens à poesia da “Cidade”, passando pela “Pátria” e “Fundo do Mar”, até desaguar na “Canção do Mar”, entoada pelo Coro da EPM e “tocado” pela voz soberba de Eufrázia Rodolfo, a emprestar um espírito africano inconfundível à dramatização musicada. O espetáculo, intitulado “SOPHIA 100 Anos – Performance” e dividido em oito partes, foi protagonizado por 43 alunos do sétimo ano do ensino básico, 12 professores e dezenas de membros do coro.

Privilegiando sempre a temática do amor, através de encenações, suspense e palavras ditas e cantadas, o espetáculo

contribuiu para as celebrações do centenário de Sophia, iniciadas em setembro último pela Biblioteca Escolar José Craveirinha e, mais recentemente, pelo Plano Nacional de Cinema (PNC) da EPM-CELP.

De acordo com o mentor da iniciativa teatral, Rogério Manjate, a junção de professores e alunos no mesmo palco consistia na construção de uma interação experimental direta entre os dois grupos. Ou seja, “os professores aprenderem com os alunos e vice-versa”, afirmou o docente. Na verdade, as quatro dezenas de estudantes levaram ao palco do Auditório Carlos Paredes uma expressão corporal própria em descoberta e desenvolvimento constantes, enquanto os professores ofereceram a palavra dita, acompanhada de movimentos evidenciadores da dinâmica natural do mar.

“Tudo foi feito por eles. Os alunos do sétimo ano, por exemplo, estão a trabalhar a expressão corporal - física e vocal - em contexto de sala de aula. No espetáculo, eu só ajudei na organização dos movimentos. Mas todo o trabalho foi proposto por eles”, esclareceu Rogério Manjate.

Para celebrar o nascimento de Sophia de Mello Breyner, assinalado precisamente



a 6 de novembro, o trabalho teve de acelerar o ritmo, montando-se o espetáculo em quatro semanas apenas com a inclusão somente dos elementos indispensáveis à realização da performance. Rogério Manjate explicou: “tínhamos de apresentar o espetáculo no mesmo dia do nascimento da homenageada. Não foi fácil, tivemos de nos impor sacrifícios e muita dedicação. Continuaremos a trabalhar a peça para a sua apresentação integral futuramente, na nossa Escola, quando o espetáculo estará mais completo”, concluiu.

PNC exibiu “Sophia de Mello Breyner” para alunos homenagearem poetisa

Na mesma senda de homenagens, o Plano Nacional de Cinema (PNC) da EPM-CELP exibiu, no dia 5 de novembro, o filme “Sophia de Mello Breyner Andresen”, de João de César Monteiro, que, além de narrar episódios da vida artística da poetisa, vinca o seu inconformismo perante a ditadura do Estado Novo em Portugal. A curta-metragem, trabalhada sob vários pontos metafóricos, destaca também a vida familiar e social da autora de “A menina do mar”, que este ano completaria 100 anos de vida.

O documentário é o primeiro na história do cinema português e foi projetado na nossa Escola para alunos do terceiro ciclo do ensino básico e do ensino secundário sob o lema “Sophia, uma perspetiva cinematográfica”, procurando levar os estudantes a conhecer a visão do cineasta,



as agruras da poetisa e, por fim, a decifrar metáforas e mensagens contra a censura que vigorou em Portugal até 25 de abril de 1974. Na realidade, todos os estudantes receberam, à entrada do Auditório Carlos Paredes, um pequeno guião-desafio que propunha exercícios de descodificação e compreensão dos significantes da película, associados às representações da poetisa da liberdade, da arte e dos afetos.

Em modo debate, no fim da projeção, os alunos revelaram que a obra apresenta características estilísticas que se impõem, tanto no olhar da produção como nos dizeres da poetisa, como crítica ao sistema ditatorial. Essa reivindicação, segundo os estudantes, manifesta-se no filme através do voo das gaivotas, que representa a paz, os peixes e o caranguejo que, sem explicação aparentemente óbvia, se destacam na película.

O trabalho, embora fosse sobre a figura de Sophia de Mello Breyner Andresen e marcado por uma forte presença do seu olhar e voz na declamação de poemas para o seu filho, não traz narrativas da sua vivência na técnica mais popular dos documentários. É simples, intimista, natural, artístico e sem decorações estéticas visuais.

Nos momentos prévios ao início da exibição, o PNC anunciou o professor Rogério Manjate e o aluno João Bizarro como os novos elementos da equipa da nossa Escola, ao mesmo tempo que lembrou o papel da professora Sandra Cosme, agora a lecionar em Portugal, como impulsionadora do PNC na EPM-CELP.

BIOGRAFIA

Sophia de Mello Breyner Andresen foi a primeira mulher a receber o Prémio Camões, o maior no campo literário da língua portuguesa. Nasceu na cidade do Porto, Portugal, a 6 de novembro de 1919. De família aristocrática era filha de João Herique Andresen e Maria Amélia de Mello Breyner. Estudou Filosofia Clássica na Universidade de Lisboa, entre 1936 e 1939, sem concluir o curso. Participou em movimentos universitários. Em 1940 publicou os seus primeiros versos nos “Cadernos de Poesia”.

A partir de 1944 dedica-se à literatura e, no mesmo ano, escreveu diversas poesias, entre elas “O Jardim e a Casa”, “Casa Branca”, “O Jardim Perdido” e “Jardim e a Noite”, obras que recordam a sua infância e juventude. Em 1962, recebeu o Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores pela obra “Livro Sexto”.

Sophia de Mello Breyner participou ativamente na oposição ao Estado Novo. Foi candidata pela Oposição Democrática nas eleições legislativas de 1968. Foi sócia fundadora da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. Após a Revolução de abril de 1974 foi candidata à Assembleia Constituinte pelo Partido Socialista, em 1975.

Sophia de Mello Breyner Andresen faleceu em Lisboa, a 2 de julho de 2004. Desde 2005 os seus poemas estão em exposição permanente no Oceanário de Lisboa.



Aprender tolerância e amor para incluir

Dezenas de petizes do pré-escolar e dos terceiro e quarto anos do ensino básico da EPM-CELP juntaram-se, no dia 3 de dezembro, no Auditório Carlos Paredes, para, a partir da visualização do filme "Elmer, o Elefante Xadrez", aprenderem valores associados ao amor e à inclusão. A atividade, organizada no âmbito da celebração do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, naquela data assinalada, foi dinamizada pelo Departamento de Educação Especial da nossa Escola.

O evento, que visou a sensibilização e a consciencialização para o reconhecimento e a necessidade da plena inclusão social da pessoa com deficiência, foi dirigido a três turmas que integram alunos que frequentam a sala do Ensino Estruturado.

"A intenção foi provocar entre os alunos uma discussão aberta sobre as diferenças individuais e a inclusão. Eles precisam de saber que sem amor, tolerância e respeito pelo outro o mundo será de guerras e de conflitos", esclareceu Ana Paula Gomes, coordenadora do Departamento de Educação Especial da EPM-CELP, para quem "é preciso uma mudança real da forma como olhamos para as diferenças, porque na teoria estamos todos muito bem, mas, infelizmente, a prática diverge". Para Ana Paula Gomes, embora a sociedade tenha mais noção da deficiência física, "temos de começar a aceitar todos



se quisermos tornar o mundo mais tolerante e inclusivo", declarou.

O filme, que inspirou os alunos no debate sobre as diferenças humanas e sociais, é do cineasta David Mckeen e versa sobre a vida de um elefante, Elmer, que, incomodado por ser diferente dos outros elefantes, decidiu ficar igual aos demais, percebendo

que a mudança não era exatamente o que ele esperava. Por isso, voltou à sua realidade e ganhou um dia especial em sua homenagem.

No final da atividade, os alunos usaram os pequenos papéis de anotação "sticky notes", de diferentes cores, para montar o elefante Elmer no Auditório Carlos Paredes.

Alunos recolheram donativos para bebés prematuros

A campanha na EPM-CELP de recolha de donativos para ajudar mães cujos bebés prematuros estão em situação de internamento hospital chegou ao fim. Realizada no âmbito das efemérides do "Novembro Roxo" e do Dia Mundial da Prematuridade, ambas assinaladas em novembro, o movimento foi impulsionado pela Associação de Estudantes da nossa Escola, coadjuvada pelas associações de Pais e Encarregados de Educação e de Mães e Bebés Prematuros em Rede, que conseguiu coletar 213 mantas, 68 pacotes de fraldas diversas, 147 latas de leite "pre-nan", 45 latas de leite diverso e cinco sacolas de produtos diversos, material entregue às mães dos bebés internados nos cuidados intensivos dos hospitais de Mavalane e Geral José Macamo.

A presidente da Associação de Estudantes, Débora Queimada, inicialmente achava não ser possível "tanto sucesso, devido à sua complexidade, mas conseguimos e estamos muito satisfeitos pelos resultados. Isso mostra o quão estamos unidos e sensibilizados com a saúde e a vida dos outros", afirmou a aluna na esperança de que "os próximos membros da AE, bem como toda a comunidade educativa, repitam estes gestos de solidarie-



dade no futuro, porque é uma causa que vale a pena".

Para facilitar a operação os locais de entrega de doações foram organizados por ciclos de escolaridade. Embora tenha sido dinamizada pela AE da nossa Escola, o repto da iniciativa foi lançado por Eneida Raquel Carimo, encarregada de educação na EPM-CELP e membro da Associação de Mães e Bebés Prematuros em Rede, que atua voluntariamente nos hospitais de Mavalane, José Macamo e Central, em Maputo. De acordo com a ativista, o grupo nasceu, em 2014, em resultado das experiências das fundadoras como mães de bebés prematuros. "No princípio era só para a partilha de ideias, mas, em 2017, decidimos transformar o movimento em associação legal que, para além do apoio moral, ajuda com bens materiais as mães em situação de vulnerabilidade social e cujos filhos estejam internados nos cuidados intensivos", explicou Eneida Raquel Carimo.

Satisfeita com os resultados, a ativista revelou que "nunca tivemos tantos produtos como este ano pelo que agradecemos aos estudantes e à EPM-CELP por terem aderido a este movimento e, assim, fomentarem o espírito de solidariedade", concluiu.

Poesia e canto uniram gerações

O Auditório Carlos Paredes da EPM-CELP foi palco, no dia 31 de outubro, de dramatizações poéticas que homenagearam nomes sonantes da literatura portuguesa em memória das vítimas do ciclone Idai, que fustigou a cidade moçambicana da Beira, em março de 2019. A prestação artística, que foi interativa e destacou a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Sebastião da Gama, entre outros, esteve a cargo de Maria do Céu Guerra, do grupo “A Barraca”, e de Luísa Vieira e José Rui Martins, do “Trigo Limpo Teatro Acert”.

Promovido pela nossa Escola em coordenação com a Embaixada de Portugal em Moçambique e o Camões – Centro Cultural Português em Maputo, o espetáculo integrou a programação do Festival de Teatro “Ahoje é Ahoje”, que decorreu até ao 6 de novembro em diversos espaços da capital moçambicana, juntando atores de Moçambique, Portugal, França e Espanha.



De acordo com a o coordenador do terceiro ciclo de ensino básico e professor de Português na EPM-CELP, João Paulo Videira, “o intuito do recital foi criar uma corrente de solidariedade para com as vítimas do ciclone Idai através da cultura e do conhecimento, sobretudo das artes”, explicou, prosseguindo que se tratou de um espetáculo “que tentou dar ênfase ao conhecimento e à amizade em detrimento das guerras e do ódio”.

Para uma plateia composta por alunos, professores e membros da Direção, o trio de atores portugueses exaltou a poesia através de “Menino Grande”, de Sebastião da Gama, “Che Guevara”, “Retrato de uma princesa desconhecida”, “Um país sem mal” e “Camões e a Tença”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, entre outros. Tocando e declamando, os três artistas provaram a sua excelência na arte dramática e na relação com o público.



Severino Ngoenha filosofou com crianças

Alunos, encarregados de educação e professores de Filosofia da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) aproveitaram o Dia Mundial da Filosofia, assinalado a 21 de novembro, para ouvir o académico moçambicano Severino Ngoenha falar sobre “O papel do filósofo na atualidade” e, ainda, discutirem o tema “Eu e o outro” a partir da visualização do filme “Abraçada”. Ambas as sessões foram dinamizadas pelo grupo disciplinar de Filosofia/Psicologia da nossa Escola e decorreram separadamente no Auditório Carlos Paredes.

Na primeira sessão do programa de comemoração, realizada na manhã de mesmo dia, o filósofo Severino Ngoenha ajudou os alunos a descortinar os valores da filosofia, dos quais destacou o amor, a verdade e a justiça social. Para o reitor da Universidade Técnica de Moçambique, o filósofo tem de se situar no tempo e no espaço históricos para que consiga transmitir aqueles valores, cada vez mais indispensáveis para a humanidade, segundo o próprio.

Para Manuela Morais, representante da área disciplinar de Filosofia/Psicologia da nossa Escola, os princípios filosóficos e de vida transmitidos por Severino Ngoenha visam nortear os alunos sobre a necessidade de cultivar o respeito para que tenhamos mais justiça na sociedade. “O amor-amizade é a grande lição para a humanidade”, enfatizou a docente.

À tarde, nas sessões de debate, alunos do primeiro ciclo do ensino básico ao se-

cundário reuniram-se no Auditório Carlos Paredes com professores de diversas disciplinas e pais e encarregados de educação para, juntos, descortinarem sentidos no tema “Eu e o outro” a partir da visualização do filme de animação “Abraçada”. A discussão foi alicerçada no enredo da obra fílmica, no qual um gato é obrigado, pelas circunstâncias da vida, a cortar os seus picos para poder abraçar o seu filho.

Na sequência da exibição da curta-metragem, a plateia problematizou o tema com recurso às analogias entre o gato e a vida humana. Roda Nhangave, aluna do 12.º ano, por exemplo, revelou ter-se identificado mais com o gato velho, por este ter conseguido, dada às exigências sociais, livrar-se dos obstáculos que o separavam do seu filho. “O que me fascina é o fato de o gato mais velho ter abdicado dos picos de que mais gostava para abraçar o mais novo”, disse a aluna, para quem o gesto é significativo na vida dos pais e encarregados de educação que muito fazem para a felicidade dos seus dependentes.

No debate, o repto das interpretações e analogias foi igualmente assumido pelos pais e encarregados de educação. Uma mãe, que não se identificou, afirmou que a essência do amor é o indivíduo despir-se do todo o ego para viabilizar a satisfação de quem amamos. Ou seja, “nós temos que abdicar de coisas de que mais gostamos para satisfazer as necessidades dos nossos filhos por toda a vida. E é mesmo tudo: o orgulho, a preguiça, o rancor e tudo o que não nos deixa próximos deles”, declarou aquela encarregada de educação.



Natação e futsal em grande na EPM

FUTSAL

O primeiro encontro competitivo da formação de futsal sub14, ocorrido a 30 de novembro do corrente ano letivo, teve lugar na Escola Francesa de Maputo com a presença convidada do Favela United. A nossa Escola logrou uma vitória clara sobre a equipa anfitriã e um empate frente ao Favela United em jogos no formato de oito jogadores.

De acordo com Rui Pereira, professor da EPM-CELP, os resultados da jornada desportiva superaram todas as expectativas, tendo em conta que o grupo começara, então, a treinar há apenas três semanas. "Tratou-se da variante de oito jogadores em vez de futsal, que é a modalidade que praticamos na nossa Escola", referiu o docente, acrescentando que "o jogo decorreu sob um ambiente agradável, de "fair-play" e de grande empenho de todos os alunos".

No mesmo dia e local, a equipa de sub12 da nossa Escola participou igualmente num torneio de futebol de oito, o qual ofereceu aos nossos atletas uma experiência diferente da habitual, uma vez que os jogos foram disputados em piso de relva, num campo de dimensões maiores e com mais jogadores.

No dia 7 de dezembro, os "Sub14" e "Sub12" tiveram nova jornada desportiva, desta vez na Escola Americana Internacional de Moçambique (AISM) e na variante de sete jogadores. Os alunos dos "Sub12", por exemplo, conseguiram vencer os "americanos" por 10-3, mas, no jogo seguinte, perderam por 5-8 frente ao UTD.

JOGOS PRÉ-DESPORTIVOS

Os jogos pré-desportivos do primeiro ciclo do ensino básico decorreram a 30 de

novembro e juntaram, no mesmo campo, 49 atletas e pais e encarregados de educação. As atividades iniciaram com um breve aquecimento para o jogo da "Manteiga Derretida", seguido de "Mata por equipas", no qual todos os participantes tiveram a oportunidade de jogar entre si.

As provas incluíram, ainda, "Rabo da Raposa por equipas", "Estafetas com Perícias e Manipulações com diversos tipos de dribles - mão e pé".

BADMINTON

O encontro competitivo de 30 de novembro, realizado na nossa Escola, permitiu apurar os atletas que vão representar a EPM-CELP em provas futuras para as quais já chegaram os convites.

VOLEIBOL

No primeiro encontro de voleibol sub14 (versão 4x4), realizado a 30 de novembro, a EPM-CELP defrontou o CAM, tendo perdido os três primeiros "sets" pelos parciais de 10-24, 7-31 e 14-21. De acordo com José Fortes, coordenador do Clube de Desporto Escolar da EPM-CELP, o quadro competitivo sofreu algumas adaptações porque a escola visitante apresentou-se com uma equipa pertencente a escalão superior ao acordado previamente, facto que contribuiu para as derrotas registadas pela nossa Escola. Apesar da diferença expressa pelos resultados, a EPM-CELP conseguiu apresentar períodos de boa qualidade em jogo.

O torneio posterior com quatro equipas mistas (EPM-CELP e CAM), num sistema de competição de "todos contra todos", o que se revelou muito positivo

para todas as equipas fruto do aumento da competitividade, foi uma boa oportunidade para aferir desempenhos em situação de competição e identificar as fragilidades que devem ser melhoradas para competições futuras.

NATAÇÃO

Os alunos que frequentam a sala de Ensino Estruturado da EPM-CELP participaram em animada jornada de natação, realizada no passado dia 26 de novembro, na nossa Escola. Espírito de entreajuda, cooperação, superação e entusiasmo definiram o mote da jornada coletiva e individual nas "águas" da EPM-CELP.

No dia 7 de dezembro, a EPM-CELP partilhou o espaço com as equipas de AISM, Clube Ferroviário de Maputo, "Os Tubarões", Desportivo Marlyn e o Clube de Natação do Zimpeto. Dos oito atletas inscritos pela nossa Escola só participaram quatro, que foram Rodrigo Almeida (100 metros livres e 50 m mariposa), Rita Graça (100 m livres), Sara Coelho (100 m bruços e 50 m mariposa) e Leonor (50 m livres e 50 m costas).

JUDO

A 12 de dezembro último, o núcleo de Judo cumpriu a sua primeira apresentação pública do ano letivo. Num dia de festa, durante o qual decorreram várias atividades, os atletas apresentaram as regras e rotinas inerentes a este desporto de combate. Os alunos demonstraram a capacidade de ter uma velocidade de reação no jogo de "pisa pé" ou até mesmo de se esquivarem e agarrarem o colete do colega no jogo da "raposa".

PUBLICAÇÕES



Pedro Pereira Lopes lançou livro “O comboio que andava de chinelos”

O escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes lançou, a 31 de outubro passado, em Maputo, o livro infantojuvenil “O comboio que andava de chinelos”, com o qual venceu o concurso literário “Maria Odete de Jesus” (CLMOJ), edição 2016, promovido pela Direção das Bibliotecas da Universidade Politécnica.

O lançamento da obra consolidou o memorando de entendimento, celebrado a 21 de junho, entre a EPM-CELP e a “A Politécnica”, que visa a edição e publicação dos livros infantojuvenis resultantes do CLMOJ. De acordo com Teresa Noronha, responsável pelo setor de publicações da EPM-CELP, a escolha da nossa Escola como editora parceira de “A Politécnica” deve-se ao padrão de qualidade gráfica que os seus produtos apresentam e, sobretudo, ao seu empenho no desenvolvimento e preservação da literatura infantojuvenil em Moçambique.

Pedro Pereira Lopes trabalha já há vários anos com a EPM-CELP, contando com três publicações no catálogo editorial da nossa Escola, dos quais dois na série Infantojuvenil – “Viagem pelo mundo num grão de pólen” e “A História do João Gala-Gala” – e um na Coleção Contos e Histórias de Moçambique – “Kanova e o Segredo da Caveira”.

O memorando de entendimento na área das publicações de obras resultantes do concurso literário “Maria Odete de Jesus” foi assinado a 21 de junho passado pela diretora da nossa Escola, Dina Trigo de Mira, e pela pró-reitora para a área de pós-graduação de Investigação Científica, Extensão Universitária e Cooperação da Universidade Politécnica, Rosânia da Silva.

Filme “Coco” e exposição ilustraram “Dia dos Mortos”



A exposição “Dia dos Mortos”, que ficou patente durante uma semana no átrio central da EPM-CELP para assinalar a efeméride, revelou o conhecimento e a criatividade dos alunos dos sétimo e oitavo anos do ensino básico ao valorizar traços históricos, culturais, estéticos, sociais, étnicos e linguísticos do México.

O evento celebrou, à moda mexicana, o Dia dos Mortos e integrou, para além da exposição, uma projeção, no átrio central, do filme infantojuvenil “Coco”, da “Walt Disney Pictures Pixar Animation”, cuja visualização esteve acessível a toda a comunidade escolar.

Junto à exposição “Dia dos Mortos” esteve também montado um altar com uma fotografia-homenagem da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, circundada por flores, velas, crânios, símbolos religiosos e outros objetos que, no conjunto, constituíram prendas à escritora. De acordo com Uriel Guerra, professor de Espanhol na EPM-CELP, a fotografia simboliza a intenção da família de chamar o ente morto para junto de si, ou seja, “é a pessoa que a família quer lembrar”, revelou o docente.

Como forma de aliar o Dia dos Mortos às comemorações do centenário do nascimento de Sophia de Mello Breyner Andresen, o “8.ºE” decidiu homenageá-la. “No princípio queríamos pôr a fotografia de Samora Machel, mas a minha mãe lembrou-me que este ano é o da celebração dos 100 anos do nascimento de Sophia de Mello Breyner e, assim, decidimos homenageá-la,

também porque estamos, neste momento, a ler uma das suas obras”, confessou Rita Pereira da Costa, aluna daquela turma.

Conjugando as disciplinas de Espanhol e Educação Visual, a iniciativa teve como objetivo o estudo e a difusão das culturas dos países falantes da língua espanhola. “Desde a implementação da disciplina de Espanhol, há cinco anos, a Escola alinha neste tipo de atividade para, além de ensinar a língua, dotar os alunos de conhecimentos sobre culturas, efemérides e seus significados”, esclareceu Uriel Guerra.

As atividades decorreram durante uma semana em contexto de sala de aula, onde os alunos do sétimo ano, por exemplo, pintaram as máscaras típicas, em forma de caveiras, e as duas turmas do oitavo ano participaram na preparação de cartazes e do altar e sua decoração. Diferentemente do realizado no ano passado, nesta edição de 2019 os alunos envolveram-se mais em trabalhos manuais porque “decidimos colocar toda a comunidade educativa em conexão, a ter a mesma experiência transmitida pela exposição de materiais do Dia dos Mortos e pelo filme que rodou desde o início da semana”, explicou Uriel Guerra.

Também no átrio central da nossa Escola esteve patente outra exposição com afinidades às festividades do Dia dos Mortos. Foi o Dia das Bruxas, celebrado a 31 de outubro último, com exibição de máscaras, vestes, utensílios e símbolos típicos da bruxaria. A data é celebrada em vários países, principalmente anglófonos, nas vésperas da festa cristã ocidental do Dia de Todos os Santos.

Alunos andaram à caça de asteróides

Terminou, no dia 5 de dezembro, na EPM-CELP, a campanha “Caça aos Asteróides”, que, durante um mês, envolveu oito alunos do sétimo ano do ensino básico na análise de imagens recolhidas por telescópios para posterior identificação de asteróides e objetos em rota de colisão com o planeta Terra. A ação, inserida no plano anual de atividades do grupo disciplinar de Ciências Físico-Química, integra-se na iniciativa da NASA e do Centro de Colaboração Internacional em Pesquisa Astronómica (IASC, sigla em inglês).

De acordo com Francisco Carvalho, professor de Físico-Química e dinamizador da atividade na nossa Escola, o trabalho consistiu, para além de catalogar novos asteróides, em analisar imagens recolhidas por telescópios que estão no “Hawai Pan Stars”. Ou seja, através do astrométrica – um “software” próprio –, os alunos interpretaram as imagens, focando-se mais na possibilidade de ter asteróides perto da terra, cujos resultados, havendo indícios, são enviados para o IASC para validação. “Nesta campanha identificámos 36 possíveis asteróides. Mais tarde teremos a confirmação se houve alguma descoberta nossa, após validação do resultado pela equipa do IASC”, afirmou o docente.

O projeto resulta de uma parceria da NASA e do Centro de Colaboração Internacional em Pesquisa Astronómica, que é um consórcio internacional de universidades e



organizações que se dedicam ao estudo da astronomia. Neste consórcio está incluído o Nuclio, sendo através deste que a nossa Escola participa nestas campanhas.

A atividade, de caráter preventivo, dotou os alunos das turmas “A”, “B”, “C” e “E” do sétimo ano do ensino básico de mecanismos de pesquisa e leitura de imagens recolhidas por telescópio. Esse propósito,

segundo Francisco Carvalho, vem preparar os alunos na disciplina de Física para o estudo do universo e da astronomia.

A campanha “Caça aos Asteróides” teve início no passado dia 21 de outubro e o seu termo esteve previsto para 18 de novembro, mas a nossa Escola decidiu estender o prazo de modo a ampliar as possibilidades de descoberta.

Estudantes humanizaram a tabela periódica

Dezenas de alunos do ensino secundário da EPM-CELP apresentaram, no dia 25 de novembro, no Auditório Carlos Paredes, aos colegas do nono ano do ensino básico e a estudantes da Escola Francesa de Maputo a tabela periódica, que comemorou 150 anos de existência. Foi uma jornada lúdica de descoberta daquele instrumento científico, por iniciativa do projeto “Mãos na Ciência” em coordenação com o Clube Ciência Viva na Escola, visando assinalar o Dia Mundial da Ciência e o Dia Nacional da Cultura Científica, celebrado a 24 de novembro.

O evento desafiou a imaginação e a criatividade dos alunos das duas escolas, levando-os a revelar histórias, elementos químicos e sua constituição e fórmulas que compõem a tabela periódica. E para homenagear os conhecimentos adquiridos, antes, em contexto de sala de aula e, posteriormente, na preparação da atividade, os estudantes trajaram “t-shirts” estampadas com elementos químicos e, no auditório, montaram uma tabela periódica humana.

A atividade prolongou-se por uma semana e foi liderada pela coordenadora do projeto “Mãos na Ciência”, Sónia Pereira, que procurou reduzir a complexidade da tabela periódica, tornando-a de mais fácil compreensão ao distribuir as ocorrências do evento por cinco momentos. A mostra, montada no lado de fora do auditório,



exibiu o campo de aplicações dos elementos químicos. A tabela, segundo explicou Sónia Pereira, especifica as aplicações que guiam a perceção dos alunos, que também tomaram contacto com a história da própria tabela periódica.

O evento ficou também marcado pela projeção de cinco filmes que passaram, ininterruptamente, no átrio Fernando Pessoa. Por fim, os alunos encarnaram a própria tabela periódica, ao construir uma com os seus próprios corpos.

Adolescer, é doer? [1]



ALEXANDRA MELO *

A adolescência é, indiscutivelmente, aquela fase do nosso desenvolvimento mais rica e admirável, mas também aquela sobre a qual há reações, frequentemente, desagradáveis. Falar da adolescência é falar de um período de aproximadamente 6 anos (12-18), durante o qual, quase que dia-após-dia, vão surgindo as surpresas do adolescer com tremendas transformações tanto no campo físico como emocional. Não sei por quem começar no elencar dos autores envolvidos neste processo reativo, já que não há nada que me indique uma ordem lógica a atribuir, mas, assim mesmo, aqui começo por referenciar alguns:

Na perspectiva dos pais – Acredito que muitos dos pais comecem a sofrer ainda antes de o serem, ou seja, não raro é ainda no momento em que surge o desejo de ser pai que questionam se serão capazes de um dia orientar da melhor forma a educação dos seus maravilhosos filhos adolescentes, com as anunciadas dores de cabeça, com muitas dúvidas, com muitos dissabores, com muitos “Muitos”, no período que se designou, até pela literatura científica, como o período de crise. E não tenho a certeza que seja por aquilo que também eles pais viveram como adolescentes e que lhes tenha, eventualmente, trazido amargas memórias, mas mais por aquilo que se vai ouvindo já do mundo adulto sobre o difícil que é enfrentar essa fase. Será que vou conseguir?, questionam-se os pais; serei capaz de os orientar? Serei capaz de os alertar para os perigos? E os ami-

Luisella Planeta Leoni por Pixabay



gos? E as drogas? E...? Na verdade, é um sem fim de questões que torna esta fase da paternidade ansiosamente difícil, mas ao mesmo tempo, quero acreditar, um excelente desafio às suas habilidades educativas. Na puberdade, a antecâmara da adolescência, iniciam-se alguns desafios com a educação para a sexualidade, capítulo ainda repleto de tabus no mundo de muitos adultos. Falar da menstruação às suas filhas, por exemplo, em muitas culturas só acontece quando o momento acontece e as meninas são deparadas com a ideia de algo muito grave estar a acontecer com o seu corpo.... Felizmente as escolas apoiam neste capítulo da educação, já que muito cedo é estudado o aparelho reprodutor e é introduzida toda uma linguagem que ruboriza muitos dos rostos dos pais ... Também a construção da

identidade sexual, agora marcante, deixa muitos pais desconcertantes já que é um período de experiências, de descobertas e de possíveis revelações. Apesar de a sexualidade dever ser vivida a “solo”, ou seja, não há que pedir autorização aos pais para a sua vivência, ela acontece dentro dos limites do direito à individualidade, isso não impede que os filhos tenham a liberdade de dar sinais das relações que vão estabelecendo com amigos, cujas referências variam de amigos coloridos a namorados, com cariz mais amoroso ou de natureza mais marcadamente sexual, podendo esta variar entre a heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade. A espontaneidade e maturidade com que são vividos os afetos envolvidos nestas relações são agora o resultado dos afetos que estiveram envolvidos na educação das fases anteriores à adolescência.

Ainda outro aspeto não menos significativo é a questão da grande valorização dos grupos de amigos entre os adolescentes. Se por um lado há nos pais o medo dos amigos pelos perigos dos maus exemplos e das influências, por outro lado há a sensação de estarem a ser substituídos, o que lhes cria algumas dores de barriga... Há como que um sentimento de “quase inutilidade” que vem pelo enfraquecimento do vínculo que viveram durante os cerca de 12 que antecedem a nova fase. Até esta idade, apesar de muitas crianças terem uma vida social bastante saudável, com visitas à casa uns dos outros, com programas de fins de semana em casa de amigos, a verdade é que os pais ainda sentem que têm a batuta em suas mãos, sendo seguidos nas suas orientações/ordens. Aos poucos, como que se o adolescente se lembrasse de deixar de ser dócil e de passar a pôr em causa tudo quanto até ali corria sobre rodas, parece que se vai desmoronando o castelo que os pais sentiam governar! Com o início desta nova fase que representa, igualmente, uma mudança com um salto significativo das suas habilidades cognitivas, o adolescente quer exercitar a sua capacidade de pensar, argumentar e questionar os valores e as regras que aprendeu dos pais e que foram/são fundamentais para lhes dar o suporte e diretrizes necessárias para a sua caminhada agora mais autónoma. Ele reconhece a sua importância, mas não quer mais reconhecer nos pais esse lugar.

Pois é papás, os vossos filhos estão a crescer e a seguir o caminho da verdadeira autonomia e independência. Estão a preparar-se para serem aqueles jovens adultos de quem vocês se vão orgulhar quando concluírem a sua formação profissional, que irá dar início à entrada numa sociedade competitiva que lhes vai exigir maturidade, assertividade e capacidade de gestão das suas emoções. Igualmente a sua vida pessoal ir-lhes-á exigir habilidades cujos códigos de acesso eles vão encontrar no baú que foi sendo enriquecido ao longo do tempo com as vossas habilidades de ser pais. Quando ele tiver o seu emprego, a sua casa, a sua família, vocês vão contá-lo aos vossos amigos com o orgulho que, como pais, merecem sentir.

* Psicóloga do SPO da EPM-CELP

É você quem?

Rogério Manjate



Um homem. Quem o visse de repente à sua frente, assim coberto de noite, pensaria num fantasma; andava tão lentamente, arrastando-se, mancando.

Ao chegar à porta da sua casa parou um instante, estava indeciso, entra-não-entra. Ainda bem que ninguém o viu, teria pensado que era um ladrão auscultando para saber se dormiam, antes de entrar e roubar. Mas era o próprio Tchale, dono da cuja casa, chefe da família: três esposas e treze filhos.

Entrou como uma cobra. O silêncio só era quebrado pela desafinada orquestra de grunhidos da família que dormia. Mas a sua segunda esposa, com quem devia dormir nessa noite, ouviu-o e perguntou baixinho à cobra coberta de noite, arrastando-se pelo corredor, és tu? Quando ele tentou responder que sim, sentiu uma dor profunda na garganta, e o sim apercebeu-se da dificuldade e deixou-se ficar no im, dentro de um pigarro torto e sacudido, já que a dor era imensa. Mas o pigarro resultou numa tosse rouca que por sua vez lembrou as três das costelas de que estavam quebradas e soltas (Tchale contorceu-se de dor, senão teria perguntado para que Deus precisava de fazer três Evas desta vez). A mulher sussurrou, hoje também estás bêbado! Amaldiçoou-lhe.

Tchale tentou alcançar a casa de banho, o mais depressa que podia, mas a perna lembrou-lhe que estava machucada e mancou mais sofrido; tentou baixar a maçaneta da porta e percebeu que também lhe faltava o braço direito; incrédulo, com a mão esquerda palpou o braço irmão, balançando inútil, como o de uma marioneta que espera o manipulador. Empurrou a porta com o ombro e precipitou-se casa de banho adentro; com a testa ligou o interruptor para acender a luz, e a dor que sentiu parecia ter apanhado um choque eléctrico: explico melhor: a sua cabeça chegou bastante mais depressa à parede do que ele imaginava – a testa era um galo deste tamanho. O ai saiu sufocado. Virou-se lentamente para o espelho e não era ele aquele que estava ao espelho. Lábios e bochechas, qual talho, misturados até ao improvável reconhecimento. Os olhos ausentes, encovados, dentro de bolas de carne negra, eram apenas umas luzinhas foscas no fundo do túnel. Quando o espanto quis anunciar que estava vivo, só conseguiu se espantar ao ouvir-se a si próprio; a boca estava vazia de dentes, a língua vermelha de sangue não tinha mais barreiras.

Este aqui não sou eu Tchale, pensou. Balançou a cabeça, a figura do espelho também balançou. Levou a mão à face e o espelho confirmava. O que direi à minha família, minhas mulheres, meus filhos, continuava pensando. Vou dizer que fui roubado e como ofereci luta me espancaram. E a Ndoca, o Ginho, que

gostam de brincar com a minha barba, como irei explicar este queixo fora do lugar. As lágrimas, vermelhas, rolavam pela face abaixo e pingaram no lavatório branco. Ficou a olhar e desatou a soluçar, de raiva, de medo. Era o fim. Os homens são maus! Balbuciou, inconformado.

De súbito, num movimento rápido, saiu de frente do espelho como se finalmente tivesse conseguido ver aquele fantasma medonho, que ele era. Ao atravessar o corredor, a mulher que o esperava tossiu para lhe dizer que ainda não dormia. Ele abriu a porta e foi à rua. Assim como veio voltou a entregar-se à noite escura e silenciosa. Quando Tchale chegou ao destino, transpirava abundantemente, um suor vermelho, misturado com sangue. Dirigiu-se à porta trancada a sete chaves. Estremunhada, a porta fez um toc toc toc abafado assim que o Tchale bateu nela: nunca tinha visto aquela cara, descara de tão deformada, não era um fantasma? Toc toc toc toc toc... voltou a bater Tchale com mais força, e sem ligar à dor que devia sentir na mão machucada. E a porta com medo de fantasmas acedeu ao toque e foi sonora.



— Quem é? Retrucou uma voz grossa saída do sono.

— Sou eu, consegui ele dizer com muito esforço.

— É você quem? Não vê que é noite? Hem, é você quem?

— Sou eu o ladrão.

— Hem? Assustou-se o homem atrás da porta e pigarreou. O quê que você quer aqui?

— Mas hê pá, isto aqui é maneira de bater um ladrão, senhor?

— Haa, você não chateia, não foi você que disse para te batermos mais, quando aquele senhor apareceu e disse para não perdermos tempo contigo, porque assim irias voltar, e que devíamos mas é te tirar os olhos?

— Mas assim até parece que eu roubei televisão ou aquela aparelhagem djivicí no teu quarto... mas nada! eu só roubei... uma simples galinha que nem... que nem... ração tens para dar...

E os soluços desataram-se em choro, copioso.

MOMENTOS EPM





ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA



EPM - CELP
NOVEMBRO DE 2019

20 ANOS DE MEMÓRIAS

